



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**FRANCILENE MEDEIROS TEIXEIRA**

**A RELAÇÃO DAS MULHERES KRAHÔ COM A ÁGUA**  
**A PARTIR DAS ALDEIAS MACAÚBA, PARAÍSO E MORRO DO BOI**

**Porto Nacional (TO)**

**2019**

FRANCILENE MEDEIROS TEIXEIRA

A RELAÇÃO DAS MULHERES KRAHÔ COM A ÁGUA  
A PARTIR DAS ALDEIAS MACAÚBA, PARAÍSO E MORRO DO BOI

Trabalho de conclusão de curso apresentada à UFT -  
Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário  
de Porto Nacional para obtenção do título de graduação, sob  
orientação do Prof. Dr. André Luís Campanha Demarchi

PORTO NACIONAL (TO)

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

T266r Teixeira, Francilene Medeiros.

A relação das Mulheres Krahô com a água: a partir das aldeias Macaúba, Paraiso e Morro do Boi . / Francilene Medeiros Teixeira. – Porto Nacional, TO, 2019.

61 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Ciências Sociais, 2019.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Campanha Demarchi

Coorientadora : Prof.a Dr.a Suiá Omim Arruda de Castro Chaves

1. Água. 2. Corpo. 3. Mulher. 4. Mulheres Krahô . I. Título

**CDD 300**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FRANCILENE MEDEIROS TEIXEIRA

A RELAÇÃO DAS MULHERES KRAHÔ COM A ÁGUA  
A PARTIR DAS ALDEIAS MACAÚBA, PARAÍSO E MORRO DO BOI

Trabalho de Conclusão de curso foi avaliado e apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Porto Nacional , Curso Bacharelado em Ciências Sociais para obtenção do título de Cientista Social e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela banca Examinadora.

Data da aprovação: 30 / 08 / 2019

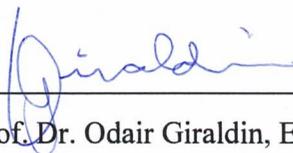
Banca examinadora:



Prof. Dr. André Luís Campanha Demarchi, Orientador, UFT.



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Suiá Omim Arruda de Castro Chaves, Examinadora, UFT.



Prof. Dr. Odair Giralдин, Examinador, UFT.



Foto: Francilene Medeiros  
Valdirene Krahô. Aldeia Macaúba em 29 de julho de 2018.

Dedico este trabalho as Mulheres que me fortalecem...

As mulheres Krahô, à minha mãe: Marlene de Medeiros; às amigas: Aline Dias, Ana Cleia e Erica Vanessa, Leidiane Cruz, Juliana Pires, Loide Souza, Paulina Bigone, Renata Strasser, Taciene Zanette; Esdra Muniz, Ray Meneses e Lorena Lima (*In memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos aqueles e aquelas que direta e indiretamente somaram forças para eu chegasse até aqui, em especial a minha família representada por minha mãe Marlene de Medeiros, meu irmão Francislân Medeiros, meu padrasto Alcides Severo, meu pai Francisco Teixeira e minha madrasta Deusineia Mendes, que não mediram esforços para que eu continuasse meus estudos.

A Pastoral da Juventude e Pastoral da Criança das Dioceses de Ji-Paraná (RO) e de Marabá (PA), que me mostraram a importância de acreditar na vida e ao trabalhar com famílias em vulnerabilidades sociais, onde aprendi a não aceitar o discurso que tudo acontece porque Deus quis, mas sim pela vigência de uma política perversa que é imposta às minorias da sociedade brasileira.

Ao Conselho Indigenista Missionário, em especial ao Regional Goiás-Tocantins, representados pela amiga Laudovina Pereira, por me proporcionarem conviver com os povos indígenas, conhecer outras visões de mundo e, junto com eles, lutar pela garantia e proteção dos territórios indígenas. Foi nesta fase da vida que decidi estudar, para ser antropóloga, e continuar a trabalhar com as comunidades indígenas e demais grupos tradicionais. Ainda não sou antropóloga, mas estou a caminho (risos).

A Instituição Universidade Federal do Tocantins, na pessoa da Diretora do Campus de Porto Nacional, a Prof.<sup>a</sup> Dra. Etiene Fabbrin, pelos programas que a instituição mantém e faço referência ao sistema de cotas, pelo qual eu ingressei. Ressalto a questão da permanência, a partir do acesso às bolsas universitárias, aos programas de pesquisa PIBIC e PIVIC, que foram importantes para a minha formação acadêmica.

Aos Krahô, das aldeias Macaúba, Paraíso e Morro do Boi que me permitiram desenvolver essa pesquisa, em especial as mulheres.

A Prof.<sup>a</sup> Dra. Suiá Omim, por integrar-me no seu projeto de Pesquisa “Cosmopolíticas do Cerrado”, que me possibilitou aprofundar o conhecimento sobre a relação das mulheres Krahô com a água. Ao Prof. Dr. André Luís Campanha Demarchi, que foi meu orientador e em meio aos desafios não me deixou abandonar o curso.

Ao Programa de Educação Tutorial Indígena do Campus de Porto Nacional, que trabalha em prol da melhoria do desempenho acadêmico dos alunos indígenas, no enfrentamento ao racismo e preconceito sobre a questão indígena no campus e na Universidade Federal do Tocantins como um todo, do qual participei das ações por um ano.

Ao colegiado de Ciências Sociais, na pessoa do coordenador Prof Dr. Ronaldo Campos, pela implantação do curso Bacharelado de Ciências Sociais no Campus de Porto Nacional. E os sinceros agradecimentos a secretária do curso, a senhora Luzirene Gonçalves, por seu profissionalismo e agilidade no desempenho do seu trabalho.

A primeira turma de Bacharelado em Ciências Sociais, do Campus de Porto Nacional, gratidão por toda persistência e parceria do qual vivemos em nosso processo de formação.

Ao companheiro Eduardo Santos Moraes, gratidão por sua parceria, paciência e companhia, tanto por estar comigo durante o trabalho de campo, quanto ao ler meus textos, me fazer questionamentos sobre o trabalho. Obrigado por segurar minha mão no fechamento deste ciclo de formação.

Aos amigos Boroqueiros (Alice Lopes, Aleth de Jesus, Antonio Filho, Claudio Frigotto, Loide Sousa, Suely Rodrigues e Valdecy Meirelles), que em meio as distâncias, mantemos a parceria de cuidados e sonhos comuns partilhados, especialmente em defesa da vida das juventudes.

Aos vários amigos e amigas que contribuíram financeiramente para a minha permanência na Universidade, entre eles o Doutor Claudemir Monteiro de Barros e Lorena Barbosa Correia.

Ao grupo de Terapeutas Enelph do Tocantins, na pessoa de Paullina Bigoni, por todo cuidado e fortalecimento pessoal.

E A casa Branca da Serra - Ilê Asé Funfún Osoguiã, na pessoa da Iyá Roberta, meus sinceros respeitos e agradecimentos por todo cuidado e acolhida que recebi.

Sozinha jamais eu chegaria onde hoje estou.

Asé

## RESUMO

A presente monografia, aborda o conhecimento das mulheres Krahô sobre os usos e significados da água e a sua importância na manutenção e produção da vida para a sociedade Krahô. A análise sobre os usos e significados da água, está fundamentada a partir dos mitos, e sequencialmente sobre a noção de corpo dos Krahô. A pesquisa está amparada pelas vivências do trabalho de campo, em visitas realizadas nas famílias Krahô, na observação de como e quando usam a água, no ato de ver e ouvir as mulheres falarem sobre seus conhecimentos relacionados à água, nas esferas do uso doméstico, ritualístico e dos cuidados com o corpo. E o repasse do conhecimento através dos mitos, que envolve, nascimento, resguardos e costumes que envolvem a gestação e nascimento do filho, para garantir que este novo ser, tenha o corpo bonito e com saúde. A importância da água para os Krahô é vista tanto nos mitos que mantêm a estrutura social dos Krahô, quando no cotidiano do uso da água, e na manutenção física e cultural e social do povo.

**Palavras - Chave:** Água. Corpo. Mulher.

## **ABSTRACT**

The present monograph addresses the knowledge of Krahô women about the uses and meanings of water and its importance in the maintenance and production of life for Krahô society. The analysis of the uses and meanings of water is based on myths, and consequently on the notion of the body of the Krahô. The research is supported from the experiences of fieldwork, from visits to Krahô families, observing how and when they use water, seeing and hearing women spoke about their knowledge related to water in the spheres. of domestic use, ritualistic and body care. And the transfer of knowledge through myths, which involves, birth, guards and customs from pregnancy to childbirth, to ensure that this new being has a beautiful and healthy body. The importance of water to the Krahô is seen both in the myths that maintain the social structure of the Krahô, in the daily use of water, and in the physical, cultural and social maintenance of the people.

**Keywords:** Water. Woman. Body

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### IMAGENS

Imagem 01: Valdirene Krahô lavando roupas no ribeirão.....	03
Imagem 02: Mulher Krahô que sobreviveu ao massacre de 1940.....	21
Imagem 03: Carregada nos ombros e levada para o ribeirão.....	35
Imagem 04: Banhada pelas mulheres Krahô/ da esquerda para a direita.Poyoy Krahô, Fran Medeiros e Madalena Krahô.....	36
Imagem 05: Levada para o pátio para continuar o batismo.....	37
Imagem 06: de kupen no meio aldeia .....	36
Imagem 07: Vestindo de mulher Krahô.....	36
Imagem 08: Sendo pintada de Mehin pelas mulheres .....	38
Imagem 09: Sendo pintada de Mehin pelas mulheres.....	38
Imagem 10: Recebendo presente da tii.....	39
Imagem 11: Discurso do canto no pátio.....	39
Imagem 12: Cantoria no pátio.....	39
Imagem 13: Sendo levada para o café da manhã.....	39
Imagem 14: Imagem da casa das Mulheres Cabaça.....	48
Imagem 15: Imagem de divulgação da Marcha das Mulheres Indígenas.....	51
Imagem 16: Mulheres Krahô a caminho de Brasília para participar da Marcha das Mulheres Indígenas.....	52
Imagem 17: Gercília Krahô, imagem de entrevista no Jornal Porantim.....	57

## **LISTA DE SIGLAS**

**CIMI GO/TO** - Conselho Indigenista Missionário Regional Goiás Tocantins

**PIBIC** - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

**PIVIC** - Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica

**SESAI** - Secretaria Especial de Saúde Indígena

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>AS MULHERES E A ÁGUA, NA PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1</b>	Aldeia macaúba.....	22
<b>2.2</b>	Aldeia paraíso.....	27
<b>2.3</b>	Aldeia morro do boi.....	29
<b>2.4</b>	O batismo krahô.....	33
<b>3</b>	<b>A RELAÇÃO DAS MULHERES KRAHÔ COM A ÁGUA, A PARTIR DOS MITOS.....</b>	<b>40</b>
<b>3.1</b>	Mulheres Cabaça.....	42
<b>3.2</b>	Mito da mulher estrela.....	48
<b>4</b>	<b>O CORPO ( A MULHER KRAHÔ - FORMANDO OUTRO CORPO).....</b>	<b>53</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>59</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

O meu interesse em desenvolver um trabalho com o povo Krahô surgiu quando trabalhei no Conselho Indigenista Missionário Regional Goiás/Tocantins<sup>1</sup> (Cimi Go/to). Fiz algumas formações pelo Cimi Go/to em momentos pontuais, como os encontros das mulheres Krahô. E com o meu ingresso na academia, optei por direcionar minhas pesquisas para o povo Krahô, pois desde que os conheci vejo a persistência deste povo na luta por seus direitos e não se prendem às limitações “de não falarem o português fluentemente” e às dificuldades de compreender e lidar com o sistema jurídico brasileiro ao qual constantemente eles recorrem, pois na instância governamental brasileira tudo o que se refere aos povos indígenas está vinculado direto nas instâncias federais, assim como o Ministério Público Federal e a questão fundiária que contracena uma grande briga no cenário político brasileiro, entre o Executivo e o Legislativo para saber quem vai ficar responsável pelas demarcações territoriais aos povos indígenas.

Ao preparar um projeto de pesquisa para seleção do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), prestei atenção nos discursos do povo Krahô e percebi que, colado ao discurso de proteção e preservação do território, eles falavam da importância de cuidar da água. Então escolhi como tema para o projeto “Povo Krahô: Relações cosmológicas, rituais e cotidianas com a água”, do qual fui bolsista do PIBIC, sob a orientação da professora Suiá Omim<sup>2</sup>, no período de 01 de agosto de 2017 - 31 de julho de 2018. Essa pesquisa foi norteadora para o desenvolvimento desta monografia. No entanto, fazer o recorte do tema de pesquisa para fazer o trabalho de conclusão do curso foi desafiador e só consegui definir quando voltei do trabalho de campo. Cheguei do trabalho de campo com a cabeça cheia de informações e perdida em que direcionamento tomar. Eis que meu orientador, o professor André Demarchi<sup>3</sup>, tranquilamente diz:

---

<sup>1</sup> O Cimi é um organismo vinculado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) que, em sua atuação missionária, conferiu um novo sentido ao trabalho da igreja católica junto aos povos indígenas. Pesquisa realizada em 22 de agosto de 2019 às 12:40, no site do Cimi através do link: <https://cimi.org.br/o-cimi/>

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2016. Professora da UFT, no campus de Porto Nacional, no curso de Ciências Sociais. As linhas de pesquisa Cultura, Representações e Práticas Simbólicas. Pesquisa realizada em 22 de agosto de 2019 às 13h Informações obtidas no site da UFT através do link: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ensino/272-ensino/cursos-de-graduacao/ciencias-sociais-porto-nacional/20646-corpo-docente>, e no site do Escavador, através do link: <https://www.escavador.com/sobre/4931742/suia-omim-arruda-de-castro-chaves>

<sup>3</sup> Doutor em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2014. Professora da UFT, no campus de Porto Nacional, no curso de Ciências Sociais. As linhas de pesquisa: Culturas, Representações e

“é Fran, acho que o seu recorte está dado, as suas informações vieram através das mulheres e você sempre fala das mulheres, então pensa aí, se é isso mesmo”. Pensei muito e tive uma certa resistência, pois em alguns contextos dentro da universidade vi as pessoas relacionarem a movimentação das mulheres indígenas, querendo identificá-las como mulheres feministas. Mas eu convivi com as mulheres Krahô e vi que, para elas, a palavra feminismo está surgindo recentemente. As mulheres Krahô se organizam a partir dos encontros de mulheres, onde falam da proteção e preservação do território, dos cuidados do corpo, participam de formações políticas e reuniões, repassam para suas aldeias o que aprenderam, durante as reuniões do pátio. E o tema para o meu trabalho de conclusão de curso passou a ser “A relação das Mulheres Krahô com a água: a partir das aldeias Macaúba, Paraíso e Morro do Boi”.

Sobre o percurso teórico, fui atraída pelo mito Sol e Lua, que narra a criação da mulher a partir do encontro da água com a cabaça. E algum tempo depois conheci o mito da Mulher Cabaça, em uma versão apresentada pela indígena Creuza Prumkwyj Krahô. Os mitos deram-me elementos para compreender que as mulheres Krahô tem diversas relações com a água. E consegui perceber que proteger a água está além dos interesses do uso cotidiano, pois a água é sinônimo de vida.

Este trabalho está dividido em três capítulos: no capítulo 2, fiz uma breve apresentação do meu primeiro contato com o povo Krahô, quem são os Krahô, qual a sua quantidade populacional, a autodenominação, localização e um rápido contexto histórico, seguido dos relatos do trabalho de campo, com o recorte feito a partir do tema da pesquisa, além da vivência de dois rituais de batismo Krahô, sendo um batismo de mulher e outro de homem. No capítulo 3, trabalhei com base nos mitos e procurei investigar “A relação da mulher Krahô e a água, a partir dos mitos”, pautados nos estudos do antropólogo Melatti e da antropóloga Creuza Prumkwyj Krahô e do antropólogo Lévi- Strauss, seguida de outras referências que foram necessárias para ter a compreensão do tema proposto. Já no capítulo 4, com um trabalho mais direcionado para o corpo da mulher Krahô com o tema: “Mulher Krahô - formando outro corpo”, que fiz uso do artigo “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras” de Anthony Seeger, Roberto

DaMatta e Viveiros de Castro, entre outros estudos. Em cada capítulo busquei compreender a relação da mulher com a água, com base nos usos e significados que a água vai ganhando a cada contexto que ela é utilizada.

Sobre a metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa, a primeira foi a pesquisa bibliográfica pela qual optei por fazer leituras direcionadas sobre o povo Krahô acrescido de teorias antropológicas que foram importantes para minha compreensão da sociedade Krahô. Na bibliografia utilizei pesquisas recentes e estudos mais antigos do final da década de 1970 ao anos 1980, como os estudos do Julio Cezar Melatti, Manuela Carneiro da Cunha, da Ana Gabriela Morim de Lima, Creuza Prumkwyj Krahô, Lévi - Strauss entre várias outras obras e artigos e teses que foram essenciais para a compreensão desta pesquisa.

Na segunda parte da metodologia priorizei por fazer o trabalho de campo e fiquei 09 dias na área Krahô, de 28 de julho de 2018 à 05 agosto de 2018, fazendo visitas nas aldeias Macaúba, Paraíso e Morro do Boi Utilizei a observação participante, com registros do diário de campo para fazer os relatos etnográficos, que me deram elementos para compreender e relacionar com as teorias que foram estudadas previamente. O trabalho de campo foi realizado a partir do contato e vivência com a Ruth Krahô (aldeia Macaúba) uma jovem, mãe de quatro filhos e esposa do cacique; Gercília Krahô (aldeia Paraíso), importante liderança política do movimento indígena do Tocantins, esposa de pajé, mãe, avó; e Poyoy Krahô (aldeia Morro do Boi) que é também uma importante liderança política do movimento indígena do Tocantins, esposa, mãe, avó e também é minha (nominadora), pois quando foi iniciado o meu batismo ela me deu o nome dela e agora somos parentes. Entre as mulheres Krahô incluo Creuza Prumkwyj Krahô que é professora e Mestra em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais, pois a sua dissertação de mestrado foi de grande relevância para a compreensão da presente pesquisa.

E como parte integrante do diário de campo, fiz questão de apresentar como foram os preparativos para fazer acontecer o trabalho de campo, para que se possa entender o cotidiano dos Krahô a partir do meio social e geográfico ou de um estudo *in locus* etnográfico.

Para planejar foi necessário fincar os pés no chão, e meu ponto de partida foi fazer o contato para definir ao certo com qual aldeia eu desenvolveria minha pesquisa de campo. E fiz contato com a Gercília, via telefone em abril do ano de 2018. Falei do meu interesse em pesquisar

a relação dos Krahô com a água. Ela gostou do tema e se colocou pronta para conversar mais sobre o assunto e ajudar no que pudesse. Porém, por motivo de mudança de aldeia, ela falou que ficará sem comunicação por um tempo, mas disse: “assim que eu souber onde vou morar eu te aviso, que é para você vir na minha aldeia fazer a sua pesquisa”.

O tempo passou e já estávamos em junho de 2018 e sem o contato da Gercília. Passei a me preocupar pois eu precisava fazer o trabalho de campo. E para minha sorte fui convidada pelo Conselho Indigenista Missionário Regional Goiás/Tocantins (Cimi Goto) , para participar do Seminário Direitos originários: retrocessos, ameaças e resistências do movimento indígena, que aconteceu de 30 junho a 02 de julho, na aldeia Macaúba no povo Krahô. Nessa ocasião, reencontrei muitas lideranças do povo. Busquei notícias da Gercília, soube que ela estava no mato, sem comunicação procurando um bom lugar para abrir a aldeia. No decorrer do seminário falei com algumas mulheres sobre a minha pesquisa e realizei duas entrevistas.

Mas ao retornar para casa, passei a pensar no plano B, que foi fazer contato com a Poyoy, e procurei saber se eu poderia fazer minha pesquisa na aldeia Morro do Boi. Ela disse que sim e, se eu quisesse, já poderia ir para aldeia. Combinamos que dia 27 de julho do ano de 2018 eu chegaria em Itacajá e dia 28 de julho de 2018 seguiria viagem para Morro do Boi. Recebi algumas orientações a respeito de frete, alimentação e hospedagem. Eis que em menos de 30 dias, eu retornaria para área Krahô, desta vez totalmente voltada para o trabalho de campo.

Sobre a metodologia do trabalho de campo, optei pela observação participante, por ser uma técnica que me permite conhecer o cotidiano dos Krahô. Também fiz uso do diário de campo e gravador para realizar entrevistas para o registro das informações. Fiquei em dívida com os registros de imagens, pois não consegui câmera fotográfica para levar a campo. Todavia para suprir a carência de imagens deste trabalho eu recorri as imagens da dissertação de mestrado da Creuza Prumkwyj e solicitei registros fotográficos com Cimi Go/To, aos quais agradeço gentilmente por terem cedido seus registros para compor essa monografia.

Quanto ao recurso financeiro para fazer o trabalho de campo, contei com a ajuda do meu orientador André Demarchi, que me contratou como pesquisadora assistente<sup>4</sup> e adiantou parte do

---

<sup>4</sup> Pesquisadora assistente no Laudo antropológico que o Prof. Dr André Demarchi, fez sobre a situação fundiária do Povo Krahô da aldeia Takaywrá, do município de Lagoa da Confusão, no estado do Tocantins.

recurso, para que fosse fazer o trabalho de campo na área Krahô, durante o período das férias acadêmicas. O valor repassado foi utilizado para pagar despesas de transporte, alimentação e hospedagem.

Eis que o trabalho estava saindo do planejamento e tornando-se realidade, e no dia 27 de julho de 2018 viajei de Porto Nacional à Palmas e da rodoviária de Palmas a Itacajá em ônibus “pinga pinga”. Saí às 09h e cheguei em Itacajá 17h. Foram 08h de viagem para percorrer 350 km sendo que parte do trajeto é feito por estrada de chão, tornando a viagem demorada e cansativa.

Ao chegar em Itacajá, hospedei-me em um hotel conforme a orientação feita pela Poyoy. E para aproveitar o dia, fui ao mercado fazer compras de alguns alimentos (arroz, feijão, café, açúcar, bolacha e carne de sol) para contribuir com alimentação durante o tempo que estivesse na aldeia. Eu poderia ter feito as compras em Porto Nacional, ou Palmas, mas achei importante comprar no mesmo lugar que os Krahô costumam comprar, e pude constatar que os comerciantes de Itacajá tem a prática de tomar posse dos cartões de banco dos Krahô, com a justificativa de receberem as dívidas, que geralmente são feitas no mercado, ou o pagamento de frete (carros pertencentes ao dono do mercado). A expertise dos comerciantes ao reter os cartões de banco dos Krahô é ilegal, porém tornou-se rotineira em algumas cidades próximas às áreas indígenas e já ocorreram denúncias ao Ministério Público Federal sobre tal prática. Outra prática comum é o indígena ir até a agência bancária e cancelar o cartão, de modo que os comerciantes ficam sem ter acesso aos pagamentos dos indígenas. É de conhecimento da sociedade brasileira que os cartões de banco são de uso pessoal e deveria ser intransferível.

E nesta organização da logística para chegar até a Morro do Boi, no dia seguinte quando eu estava a caminho do mercado para ir contratar o frete, fui reconhecida por um grupo de mulheres da aldeia Macaúba, que estavam olhando tecidos em uma lojinha da cidade. E entusiasmadas, elas gritaram “*Fran - Poyoy*”, pois eu estava do outro lado da rua. Fiquei muito feliz por reencontrar as indígenas, principalmente porque fazia menos de um mês que eu tinha ido na aldeia Macaúba. Fomos até onde as mulheres estavam, apresentei o amigo Eduardo Moraes, e falei da nossa ida para aldeia Morro do Boi e estávamos justamente indo contratar o frete. E tendo em vista que a aldeia Macaúba é bem próxima da aldeia Morro do Boi, pedi carona para ir com elas até a Macaúba e de lá poderíamos pagar o combustível para duas motos nos levarem

para a Morro do Boi, e assim ficou combinado. E ao término do trabalho na aldeia, novamente foi necessária toda a logística desta vez para retornar para casa, ou seja saindo de aldeia até chegar em Porto Nacional.

O fato de ter sido reconhecida na cidade pelas mulheres da aldeia Macaúba, e conseguir carona com elas, fez uma economia enorme no orçamento da viagem, pois o frete de Itacajá para aldeia Morro do Boi custava R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais), por 70 km rodados em estrada de chão. Enquanto o valor de uma passagem de Palmas a Goiânia tem o seu valor variado entre R\$ 150,00 cento e cinquenta reais a R\$ 210,00 duzentos e dez reais, dependendo da empresa, e do tipo de ônibus, e do horário da viagem. E a distância de Palmas a Goiânia é de 853 km.

Pude constatar visivelmente que os Krahô são explorados economicamente, pois pagam mensalmente um valor exorbitante de frete, para irem a cidade, ou transportarem algum tipo de mercadoria. Ao mesmo tempo que são esquecidos pelas instâncias governamentais, que sucateiam as estradas que dão acesso às áreas indígenas. Por não fazerem as manutenções, deixam nas em péssimas condições para trafegar. E isso conseqüentemente aumenta os valores dos fretes, dificulta o acesso entre aldeia e cidade, e também saúde e educação. Assim, organizar a logística do trabalho de campo mostrou-me de perto as explorações vividas pelos Krahô.

Ficou evidente que para realizar o trabalho de campo é necessário planejar e estar aberto às novidades que ele apresenta. Neste caso a novidade foi de poder desenvolver a pesquisa nas aldeias Macaúba, Paraíso e Morro do Boi. Mas também tive por intenção mostrar um pouco da relação dos Krahô com os comerciantes da cidade, e as dificuldades que existem para se chegar ao território Krahô.

## 2. AS MULHERES KRAHÔ E A ÁGUA NA PESQUISA DE CAMPO

Minha pesquisa investiga “A relação das Mulheres Krahô com a água”, a escolha deste tema faz parte de um tempo de vivência com os Krahô e por conhecer as reivindicações deles para garantir o bem viver do povo. O meu primeiro contato com os Krahô foi em 2010, quando saí do estado de Rondônia e vim para o estado do Tocantins com a finalidade de trabalhar no Cimi Goto onde fui referência do povo Tapuia do estado de Goiás.

Entretanto a dinâmica de trabalho do Cimi Go/To, prioriza que os missionários pesquisem, leiam livros e relatórios, sobre os povos com os quais o regional atua. Desta forma o missionário tem a noção sobre os hábitos, costumes, crenças, quantidade populacional, todos os missionários do regional são preparados para trabalhar com todos os povos que o regional atua, os trabalhos comuns desenvolvidos pelos missionários são acompanhar os povos em audiências, fazer formações e participar das reivindicações pela garantia dos direitos indígenas.

Ao participar de uma formação que aconteceu na terra indígena dos Krahô-Kanela, na aldeia Lankraré no município de Lagoa da Confusão, eu conheci os Krahô no qual foi inevitável o meu estranhamento, pois eu nunca tinha visto tal singularidade em estética corporal, e liberdade no modo de vestir-se, desprendido das vaidades ocidentais. As mulheres vestem-se com um pano amarrado na cintura, algumas vezes usam a parte de cima da roupa, seja um sutiã ou uma blusa. Ao ver pela primeira vez de perto os corpos pintados com urucum e jenipapo, o chapeuzinho (nome que eles falam em português ao adorno corporal que usam sobre a cabeça) e o corte do cabelo percebi nitidamente que isto faz parte do padrão de beleza dos Krahô.

Entre os Krahô a primeira pessoa com quem conversei foi a Gercília. No intervalo do encontro de formação sentei-me ao lado dela em cima de uma esteira de palha que estava colocado em frente a casa que ela foi arranchada<sup>5</sup>. Apresentei-me, falei de onde vim e contei um pouco de quem sou, ela me desejou as boas vindas e disse que os *mehim* precisam mesmo de gente para estar na luta junto com eles: “*as muiezada do seu povo luta junto com os homi para garantir os direitos deles e por isso elas estão participando da formação*”. E ao final da conversa

---

<sup>5</sup> Arranchado vem do verbo arranchar. O mesmo que: acomodado, amatilhado. Pesquisa realizada no Dicionário de Português online em 22 de agosto de 2019, às 14:51 através do link: <https://www.dicio.com.br/arranchado/>

comentou que ia ensinar para todo mundo como faz a festa da laranja, para o povo brincar um pouco e que iam fazer cantoria a noite toda no pátio.

Eu conseguia identificar claramente as posturas políticas dos Krahô na defesa dos direitos, mas por vezes não compreendia, por exemplo, a relação da vida política com os rituais, de proteção e cuidado. E após o ingresso na universidade e o suporte desta pesquisa, alinhados com a pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo, eu passei a ter uma noção de parte da diversidade cultural dos Krahô com seus hábitos, costumes, crenças, memórias, mitos e relação com o todo a sua volta. Desde a primeira vez que vi os Krahô, observei que o homem e a mulher que são casados caminham sempre juntos, um apoiando o outro, um fala o outro complementa e agora compreendo que faz parte da organização social deles. É o dualismo Krahô, assim como o verão e inverno ou sol e lua, falarei melhor sobre isso no decorrer do trabalho.

Os Krahô se autodenominam Mehin, falam uma língua da família linguística Jê, do tronco Macro - Jê. A população dos Krahô, é de 2992 pessoas no ano de 2014 (Fonte da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), segundo o Instituto Socio Ambiental).

Segundo Melatti “os Krahô estão localizados entre os Rios Manoel Alves Pequeno e o Rio Vermelho, nas cidades de Goiatins e Itacajá ao Norte do Estado do Tocantins, com a extensão territorial de 3.200 km<sup>2</sup>. A terra indígena “Kraolandia” foi conquistada pelos *Mehim* em 1944”. (1978. p. 22 e 23). E por meio do decreto<sup>6</sup> n° 99.062, de 07 de março de 1990, em seu Art. 1º - Fica homologada, para os efeitos do art. 231 da Constituição Federal, a demarcação administrativa promovida pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI da Área Indígena Kraolândia, localizada nos Municípios de Itacajá e Goiatins, Estado do Tocantins, caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena, com superfície de 302.533,3971 hectares e perímetro de 374,503 quilômetros.

Na aldeia, as casas são organizadas em círculo. No centro fica o pátio da aldeia e no entorno ficam as casas. No desenvolver dessa pesquisa vai ser possível entender que essa organização do espaço físico tem uma relação direta com o mito de criação dos Krahô.

Sobre o contato dos Krahô com a sociedade brasileira, Melatti (1967, p. 15) afirma que esse contato interétnico se deu por volta de 200 anos. O contato ocorreu em uma área

---

<sup>6</sup> Pesquisa realizada no site do Planalto, em 23 de agosto de 2019 às 12:47. Através do link: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/D99062.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99062.htm)

entre a divisa do estado do Maranhão com o Goiás. Essa área ficava situada entre os rios Tocantins, Farinha, Alto-Itapecuru, Parnaíba, Perdido e Sono, sendo espaços que não forneciam especiarias ou minerais preciosos, mas ofereciam vantagens aos criadores de gado daquela região. Nessas áreas havia duas frentes de povoamento vindas do Maranhão e do Pará que eram de tipo agrícola; e da Bahia que era do tipo pastoril. Essas frentes tinham por objetivo a exploração econômica das áreas em torno desses rios. (ARAÚJO. EDVIRGES, 2018, p. 136 e 137). (...) Melatti (1967, p. 33), relatando sobre o contato dos indígenas krahô, afirma que estes fizeram um acordo com os criadores de gado. Os Krahô não foram utilizados para o trabalho na pecuária, eles continuaram desenvolvendo suas atividades normalmente, porém para que estes pudessem viver em paz, eles deveriam ajudar a sociedade pastoril na guerra contra os outros Timbiras e contra os Akwê, para então apossarem-se das terras deles. (ARAÚJO. EDVIRGES, 2018, p. 138). (...) Melatti (1967, p. 43) nos assegura que naquela época a frente pastoril ainda avançava sobre as terras indígenas, e ainda tinha o povo krahô como forte aliado. Os indígenas krahô continuavam se dirigindo ao povo akwê, pois o restante do povo timbira já não oferecia ameaça ou resistência aos Krahô. Com isso, os fazendeiros não tinham mais interesse em manter o povo krahô como aliado e, dessa forma, foi projetada uma maneira de afastá-los da área pastoril, isolando-os juntos com os Akwê no povoamento de São Fernando, foz do rio do Sono. Aos poucos a aliança com a sociedade brasileira sofreu alterações e os conflitos contra os outros indígenas cessaram. (ARAÚJO. EDVIRGES, 2018, p. 140).

Os krahô também sofreram um massacre em 1940, e segundo (PRUMKWY, 2017, p. 145) “Esta é minha avó, sobrevivente de um massacre ocorrido em 1940, feito pelos não indígenas, fazendeiros, que mataram vários Krahô. Ao longo do tempo desde o contato inicial, foram mortos mais de 4.000 pessoas. Nós éramos cinco mil pessoas, após, este massacre e outros concatenados, anteriormente, restaram 300”.



Imagem do trabalho de PRUMKWYJ, (2017, p. 145).

Em meio a todas as violências, os Krahô resistem e lutam para que seus filhos e netos tenham um lugar tranquilo para viver. Faço agora uma breve apresentação dessas aldeias.

## **2.1 Aldeia macaúba**

A aldeia Macaúba é pequena e conta com a população de aproximadamente 30 pessoas distribuídas em seis casas de famílias, com a presença das mulheres. Aldeia é organizada espacialmente em círculo, as casas são de pau-a-pique, feitas pelos próprios indígenas. No repartimento dos cômodos da casa, geralmente sala e cozinha são juntas, fazem a divisão para os quartos e, do lado de fora, tem o banheiro cercado de palhas e também um giral que serve para os afazeres domésticos como lavar vasilhas, lavar roupas e tudo mais que for possível. Em cada quintal tem uma torneira que foi instalada pela SESAI, que também atua no saneamento básico. Nesta aldeia não tem banheiro de alvenaria construído como é comum encontrar em outras áreas indígenas, a exemplo dos Xerente e Karajá de Xambioá. Percebi que a preferência dos Krahô é ir no mato para fazer as necessidades fisiológicas e para evitar pernilongos.

O ribeirão fica perto das casas e, foi comum ver as mulheres irem por volta das 05h30min da manhã para o ribeirão, algo natural e espontâneo. Era comum ouvir as mulheres dizerem que preferem tomar banho no ribeirão, pois gostam de mergulhar, já que a água que passa pelos canos fica quente. Por isso concluem que a água do ribeirão é melhor de tomar banho. Em um certo aspecto por vezes achei o ribeirão parecido com o pátio da aldeia, com a presença de toda aldeia, homens, mulheres, jovens e crianças, em um momento de muitas risadas e brincadeiras entre as pessoas que estão ali.

Vi que as mulheres Krahô são as responsáveis por cozinhar os alimentos durante o Seminário do Bem Viver, mas elas não fazem sozinhas. Estão sempre reunidas com outras mulheres, e no cozer a relação com a água é constante.

Sobre a relação das mulheres com a cozinha, Prumkwyj diz:

Sobre a produção do alimento, esta mulher-cabaça mostrou que por meio do alimento compartilhado os mehi vivem juntos, se reúnem. O Sol ensinou a esta mulher a cozinhar, cabe a ela vivenciar os resguardos das mãos, vinculados à produção dos alimentos. A

mulher mehi deve saber cozinhar para toda a comunidade e deve dispor os grupos de comensais. Por isso é comum ver as mulheres reunidas no preparo do alimento, quando acontece as grandes reuniões na aldeia. (PRUMKWYJ, 2017, p. 40).

Quanto ao preparo dos alimentos, existe o cuidado semelhante de manter o corpo limpo. Neste caso fala exclusivamente das mãos, que por sua vez tem a relação direta dos cuidados com o corpo, pois ao comer os alimentos as pessoas estão fortalecendo o corpo. Sobre a água utilizada para fazer a comida durante o seminário do Bem Viver, foi retirada da torneira, por ser mais rápido o acesso, pois a torneira fica bem ali no quintal e não precisam carregar peso em longas distâncias. A água para beber também era retirada das torneiras, e numa felicidade grande eles diziam: “aí parente, bebi água gelada, que agora nós tem energia e geladeira para beber água gelada”. E enquanto acontecia o seminário, as mulheres Valdirene, Dona Renata, Fabiana e Cristiane preparavam a comida.

Ao mesmo tempo que as mulheres usam a água para seus afazeres cotidianos, vi elas falarem que os Krahô precisam proteger as águas do território, e durante o seminário a Poyoy fez sua voz ecoar quando disse:

*a monocultura da soja, tá chegando cada vez mais perto da aldeia Barra, esse pessoal não tá respeitando a lei de amortecimento, e estão plantando cada vez mais perto do nosso território. Eu fui participar de um encontro na aldeia Barra, e não tive coragem de tomar banho naquela água! Esse pessoal que planta soja, tão jogando veneno na soja com avião, e o vento joga veneno dentro do ribeirão, e os índios da aldeia tão ficando doentes, tá dando coceira, nas pessoas. A água tem que ser limpa, para não prejudicar a saúde das pessoas. E esses empresários, estão plantando cada vez mais perto do território e vão empurrando a gente cada vez mais. ( fala da Poyoy em plenária durante o seminário do Bem Viver, em 04 de julho de 2018).*

As lideranças Krahô que participavam deste seminário decidiram por unanimidade que é necessário intensificar a fiscalização no território Krahô, para impedir esse tipo de ação que impacta no território indígena.

Neste primeiro momento do trabalho de campo foi notória a importância do banho para os Krahô. Não o tomam como um ato cotidiano para manter o corpo limpo, mas tomar o banho bem cedo para fazer o corpo ficar forte e com saúde. Aprofundarei sobre este assunto ao falar do batismo Krahô mais adiante.

Nesta etapa do trabalho de campo, ficou notória a importância do banho para os Krahô, que precisa ser tomado bem cedo, para ficar forte e saudável, Um outra relação importante foi do

resguardo das mulheres ao preparar os alimentos que também vão fortalecer e manter a saúde do corpo.

E por fim, ficou evidente que as mulheres Krahô, estão utilizando os espaços políticos para falar em defesa da água. Todavia faço uma crítica aos representantes governamentais que por vezes não reconhecem, muito menos respeitam as cosmovisão de povos indígenas e outros grupos tradicionais não é levada em consideração. E por vezes os representantes governamentais, sejam eles no executivo, legislativo ou judiciário, são conduzidos por interesses econômicos que podem colocar o país como exportador mundial, a exemplo da monocultura da soja no estado do Tocantins. E o indígena fica recuado em seu território. O ribeirão passa a secar, devido o grande consumo de água para essas monoculturas que não são nativas do cerrado. Os peixes morrem envenenados, pois para manter a plantação livre das pragas, ou fortalecer o solo, o produtor vai aplicar veneno com o uso de avião. Este veneno é levado pelo vento para as águas dos ribeirões. Um outro fator agravante é que a água fica imprópria para o consumo, a exemplo da aldeia Barra, onde os Krahô constataram que a água do ribeirão está dando coceira, segundo foi denunciado pela Poyoy no seminário do Bem Viver.

Mas as mulheres Kahô com sua sabedoria aos poucos mostram para os representantes que elas falam pelo direito delas e de seu povo, pois querem viver bem, com uma simplicidade complexa a partir da sua visão de mundo. E para complementar o que digo, faço memória da força das mulheres Krahô, a partir da fala de Maria da Flor, quando estava em Brasília participando de uma reunião no Ministério da Justiça, com a presença do Ministro da Justiça (José Eduardo Cardozo), do advogado geral da união (Luís Inácio Adams), e o secretário nacional de Articulação Social (Paulo Maldos). A Maria da Flor no momento da sua fala, fez indagações aos doutores da lei, demonstrando a sua sabedoria.

*Quem é o dono daqui? Quem fez a portaria 303?*

*Ministro da Justiça responde: Eu não fui.*

*Foi o Adams.*

*Maria da Flor, brava aponta o dedo para o Adams e pergunta: O senhor tem mãe?*

*Advogado geral da união, Adams (respondeu com a cabeça balançando, dizendo que) sim.*

*Maria da Flor: o senhor gosta da sua mãe?*

*Advogado geral da união, Adams (respondeu com a cabeça balançando, dizendo que) sim.*

*Maria da Flor: você já mamou no peito da sua mãe?*

*Advogado geral da união, Adams (ele abaixou a cabeça dizendo que) sim.*

*Maria da Flor: mas você não ama a sua mãe, eu não sei nem onde é que eu estou aqui, olhou para as paredes, e falou olha aqui esse lugar fechado, você não ama a sua mãe, porque quem ama a mãe não maltrata e você fez essa lei, essa portaria contra a nossa mãe, a terra é nossa mãe, a terra pra nós é sagrada, então você não ama a sua mãe, porque você não sabe o valor da mãe, e você fez mal contra a nossa mãe, e por isso, que nós tamo aqui, nós podia tá lá na nossa aldeia, mas nós tamo aqui pra lutar pela nossa mãe, e nós veio aqui pra você jogar fora esse documento nós não quer essa portaria. (MARIA DA FLOR KRAHÔ, em audiência no Ministério da Justiça em agosto de 2012).*

Claramente, Maria da Flor Krahô reivindicou em sua fala que a terra e os rios sejam protegidos, falou da relação que este povo tem com a terra, onde a terra é mãe, é parente, e precisa ser cuidada, ser protegida.

Antes de completar um mês que estive na área Krahô, consegui retornar para fazer uma segunda etapa no trabalho de campo, e pelo fato de ter sido reconhecida pelas mulheres Krahô no comércio em Itacajá, consegui novamente visitar a aldeia Macaúba. Desta vez o Eduardo Moraes, que também é acadêmico da UFT no curso de Ciências Sociais, estava comigo. Fomos bem recebidos na casa do cacique Ivaldo, e sua esposa Ruth, nos ofereceram pouso e comida. Enquanto jantávamos expliquei a eles sobre a pesquisa em torno do tema da água. Tanto o cacique Ivaldo quanto a Ruth, falaram que *“é importante essa sua pesquisa sobre a água, que você Fran estava no Seminário e as lideranças falaram do problema na aldeia Barra que fica perto da cidade”*. O cacique pôs sua aldeia a disposição para que eu pudesse visitar as famílias, e também desenvolver a pesquisa e a Ruth nos acompanharia nas visitas.

Acompanhamos a rotina diária da Ruth e percebi que é comum as mulheres irem para o ribeirão pela manhã, para tomar banho, dar banho nos filhos, lavar vasilhas, pegar água para beber. Ali acontece o primeiro momento coletivo do dia. Elas conversam sobre o programa de televisão que assistiram (naquele tempo era a novela Os 10 Mandamentos), sobre quem o carro da Sesai passou levando para rua, perguntam entre si o que sonharam naquela noite, enquanto as crianças brincam na água. Na volta para casa as mulheres preparam o café da manhã, dão comida aos filhos, varrem casa, o terreiro, novamente prepara algo para os filhos comerem, o que geralmente pode ser peixe, caça, ou carne de sol com farinha puba.

Almoço fica pronto em torno de 11 ou 12h, e todas as pessoas que estão na casa são chamadas para comer. É comum comer assistindo um jornal ou qualquer outro programa de televisão, geralmente assistem ao jornal, que é sintonizado na Rede Globo.

Após o almoço, as mulheres aproveitam para descansar e continuam assistindo desta vez novela, ou algum filme, no qual as preferências são pelos de ação. E por volta das 15h, as mulheres voltam aos afazeres domésticos: ir para o ribeirão dar banho nos filhos, lavar vasilhas, encher vasilhas de água para beber. Aproveito o momento para fazer uma importante ressalva. Que nesta segunda etapa do trabalho de campo, a bomba que coloca água na caixa de água, estava queimada. Isso, por sua vez, levou a um fluxo maior da presença da comunidade no ribeirão. É importante salientar que para as crianças independente de ter água nas torneiras, elas sempre vão para o ribeirão.

Quando voltam do ribeirão, é comum que as mulheres tirem um tempo no final do dia para fazer um giro na aldeia, que é visitar todas as casas. Ao fazer o giro com a Ruth bebemos café em quase todas as casas. As conversas giraram em torno dessa relação das mulheres com a água, claramente pelo motivo da nossa presença e por eu estar pesquisando este tema. Na casa da Marilene comi feijão andu. Ela falou da preocupação com o agronegócio que tá perto da área Krahô e lembravam da situação que está vivendo o pessoal da aldeia Barra, que conversaram muito sobre isso no seminário que aconteceu na aldeia.

Ao voltar para casa, Ruth prepara a janta da família, e segue o ciclo. Todos jantam, assistindo televisão, as conversas passam pelo cotidiano, o que viram e o que ouviram.

No domingo a aldeia fica mais animada. É o dia que os homens e mulheres jogam futebol. Elas jogam no meio do pátio, e os homens jogam no campo da aldeia. A formação dos times, se dá em escolherem os melhores do time. E para evitar que um time fique mais forte que o outro, elas colocam as melhores jogadoras para bater par ou ímpar, e formarem o time. Eu bem que tentei jogar com elas, mas a verdade é que nunca aprendi a jogar futebol, por isso logo sai do campo e fiquei ao lado observando. Para elas o jogo é um momento de brincadeiras e inclusão de todos que estão ali.

Prumkwyj em sua dissertação de mestrado, fala claramente que “*A casa é da mulher (mehi), ela é quem faz tudo. Ela faz a vida dos Mãkrarè, povo que originou os Mehi. Elas mantêm a casa, os rituais, as festas, as relações sociais. As mulheres fazem e os homens acompanham*”. ( p. 26), e que a mulher recebeu essa responsabilidade do sol, quando criou a

mulher, e deu a elas a casa, que elas mantêm costume do povo. E repassam conhecimentos para seus filhos e netos.

## 2.2 Aldeia Paraíso

Poder visitar a Gercília foi uma grata surpresa, pois ela foi o meu primeiro contato para desenvolver essa pesquisa. Porém ela e sua família estavam saindo da Nova Aldeia (nome da antiga aldeia), para criar uma aldeia, e ficaram sem contato. Quando eu estava no trajeto da viagem de Itacajá para aldeia Macaúba, a Fabiana Krahô informou que a Gercília estava formando uma aldeia pertinho da Macaúba.

Fomos visitar e andamos 4km por dentro do mato, um caminho que era o carreador dos bichos, passamos um por ribeirão grande de água limpa. Os indígenas que nos acompanhavam fizeram uma parada para bebermos água. Pude perceber visivelmente que essa é uma área com fartura de água boa, caça e pesca.

Ao chegarmos na aldeia, avistamos Gercília e sua família trabalhando. Eles estavam cobrindo a primeira casa da aldeia e Sheila (filha da Gercília), buscava as palhas longe no cerrado, Nhonré (pajé e esposo da Gercília), cortava as palhas. Gercília entrega as palhas ao neto que estava em cima da casa cobrindo, enquanto a outra parte da família estava no acampamento preparando almoço para todos.

Era por volta das 10h da manhã, Gercília ficou surpresa com a nossa chegada. O sol estava quente e o pessoal aproveitou para fazer uma pausa no trabalho e nos receber, beberam água, que estava armazenada em um garrafão de 5 litros. Nós entregamos a água gelada que levamos, e foi colocada no garrafão para gelar a água que eles bebiam.

Gercília, perguntou como estava o movimento indígena, pois desde que ela saiu da Nova Aldeia ela estava sem comunicação, e claro, conversamos sobre as dificuldades das demarcações dos territórios indígenas. Na oportunidade ela lembrou dos parentes Avá Canoeiro que ainda estão fora do seu território. Falei com eles sobre o Seminário de formação que aconteceu na aldeia Macaúba, e parte da discussão em torno dos empreendimentos que tem perto da área Krahô.

E Gercília nos contou sobre a área que escolheram para formar a aldeia que é um lugar tranquilo, bom de caça, pesca e tem água boa. É o lugar que ela quer pros seus netos crescerem, e por isso, ela e toda sua família vão morar na aldeia. Do pessoal dela ainda faltava chegar a Márcia, com o marido, e mais um neto que ainda estão morando em Goiatins. Pois as filhas Mônica, Sheila, Célia e Gizelda, juntamente com os três netos, já moram na aldeia.

Fomos convidados para almoçar. Os indígenas nos levaram até o acampamento. No lugar que vai ser a aldeia as plantas do cerrado ainda estão de pé, contudo Nhonré e Gercília diziam que vão limpar para formar a aldeia, fazer o pátio tudo certinho. Caminhamos um pouco para chegar no acampamento, que foi feito ao lado do ribeirão. Tem muitas árvores em volta, fizeram um giral grande para guardar as vasilhas, tinha duas barracas de camping montadas, e colocaram um varal para pendurar roupas. Neste espaço também é a casa deles, o chão estava bem varrido. E a comunidade se organizava para fazer todas as casas antes da chuva chegar. Sheila desceu no ribeirão para lavar roupas. As crianças mergulhavam a todo momento. Na parte de cima ficamos conversando com Gercília e Nhonré. Partilharam a vida, do tempo de juventude de quando começaram a namorar, e das visitas que já fizeram a parentes de outros povos. Também falaram da dificuldade de formar uma aldeia do zero, fazer todas as casas, contatar o pessoal da saúde para que possam ter atendimento e, no futuro, pensar na estrutura para escola, pois as crianças precisam estudar. Em meio às dificuldades apresentadas, eles estavam felizes pois onde estão é lugar de muita caça, é carreador dos bichos, tem fartura de pesca e frutas. Nhonré disse que onde eles moravam já estava fraco de caça e pesca. Enquanto estávamos no acampamento um pescador passou com uma arraia, na mesma hora Gercília encomendou que ele levasse para Mônica que está na outra parte do acampamento, e falasse para ela fazer para o almoço.

Em seguida fomos para a outra parte do acampamento almoçar. Este também é bonito. Fica ao lado do ribeirão, cercado de árvores, e no meio precisaram cortar algumas para limpar e organizar o acampamento. Neste acampamento ao invés de barracas, eles tinham duas redes armadas. Fui cumprimentar a Mônica que estava no ribeirão limpando a arraia para o almoço. Ela estava grávida de 7 meses e falou feliz que este é o lugar é bom pros kraré dela morar. Ela trabalhava e as crianças mergulhavam no ribeirão. Pouco tempo depois que chegamos, fomos

chamados para almoçar e nem provamos da arraia, pois não ficou pronta a tempo. A família da Gercília estava reunida, comemos feijão com arroz, que nos foi oferecido com grande satisfação.

Após o almoço é comum tirar o tempo para descansar. Então Gercília forrou uma lona no chão e nos chamou para deitar. Deitamos quase todos, filhas, netos, e eu. Gercília depois de tanta prosa me indagou, e aquela sua pesquisa, como é que vai ser? Falei que era por isso que estávamos na área Krahô. Ela me chamou para banhar no ribeirão, e quando entramos ela disse *“a água é uma criança, a água é vida, e por isso nós estamos aqui neste lugar bom, que é pros kraré ter vida boa, com bastante comida e água boa”*.

A tranquilidade e a seguridade que a família da Gercília busca pode ser compreendida na noção de território. Para os Krahô,

a terra é um bem coletivo, destinada a produzir a satisfação das necessidades de todos os membros da sociedade. Todos têm o direito de utilizar os recursos do meio ambiente, através da caça, pesca, coleta e agricultura. Nesse sentido, a propriedade privada não cabe na concepção indígena de terra e território. Embora o produto do trabalho possa ser individual, as obrigações existentes entre os indivíduos asseguram a todos o usufruto dos recursos<sup>7</sup>.

O fato dos Krahô se posicionarem contra as monoculturas que estão envenenando a água, de aldeias na Terra Indígena Krahô, é porque eles têm a compreensão de território, e não veem a terra como mercadoria, mas sim como mãe, conforme foi falado pela Maria da Flor quando participou da audiência sobre a portaria 3030 da Advocacia Geral da União (AGU), em Brasília no Ministério da Justiça.

### **2.3 Aldeia Morro do Boi**

Aldeia Morro do Boi, é grande e antiga de formação. Como as demais aldeias tem o formato circular. Atualmente tem 12 casas com moradores. Tem a escola na qual funciona o ensino fundamental e ensino médio. Tem o posto de saúde, que serve para fazer atendimentos do pessoal da aldeia, e tem uma casa de farinha e uma vendinha que comercializa em sua maioria

---

<sup>7</sup> Site do Museu do Índio, em 20 de agosto de 2019 às 16:05. Através do link: <http://www.museudoindio.gov.br/educativo/pesquisa-escolar/51-territorio-indigena>

bolachas, refrigerantes e dindim<sup>8</sup>. Nessa aldeia o ribeirão fica distantes uns 3km. Por este motivo o acesso deles a água se dá através das torneiras, uma em cada quintal como na aldeia Macaúba. Os banheiros são feitos pelos próprios indígenas sejam cobertos de lona, ou de palha. Há um chuveiro e para as pessoas fazerem as necessidades fisiológicas, os indígenas eles preferem que sejam feitas no mato.

Aldeia Morro do Boi já era conhecida por mim. Porém há quatro anos que eu não retornava na aldeia. Chegamos na aldeia com uma semana de atraso da data combinada, pelo fato de ter passado na aldeias Macaúba e Paraíso. As pessoas pensaram que tivéssemos desistido de ir na Morro do Boi. Soube que eles se perguntavam será que esse povo vem mesmo? Mas ficaram no aguardo, pois sabiam que estávamos na área indígena.

Assim que chegamos na aldeia, fomos direto para a casa da Poyoy que é minha (nominadora). O Juvenal (esposo da Poyoy), estava na parte da frente da casa, no quintal, assistia televisão e a Poyoy estava no quintal, preparando comida para os netos. Assim que nos receberam já organizaram um lugar para guardarmos as coisas e agilizaram o lugar para colocarmos nossas redes. Um tempo depois almoçamos. E falamos sobre o tempo que eu não ia na Morro do Boi, o quanto as famílias cresceram, e sobre os desafios da conjuntura indigenista no estado brasileiro.

Com o passar do tempo, aos poucos a família da foi chegando para comprimentar as visitas. Passou o Idiomar (filho da minha ), com sua esposa e filho. Atualmente ele é professor na escola da aldeia, e estava chegando da área Xerente, das aulas que acontecem no CEMIX. Ele nos apresentou sua esposa e seu filho. Durante a conversa ele me falou que segundo o parentesco Krahô, ele é considerado meu filho, e a esposa dele também é considerada minha nora, pois eu recebi o nome da mãe dele. Brinquei que agora eu tenho quatro filhos Krahô, uma nora e dois genros e alguns netos (risos). A minha família ficou bem extensa. Aproveitei para explicar para o Idiomar sobre o tema da minha pesquisa. Durante a visita de campo eu ainda não tinha feito o recorte do tema da pesquisa: que é a relação dos Krahô com a água, ele disse que gostou do tema, e acha muito importante falar da água, pois hoje em dia a água tá cada vez mais sendo usada de forma errada, como eles têm visto com o agronegócio, que precisa de muita água. E os alimentos

---

<sup>8</sup> Picolé sem pauzinho, congelado dentro de um saquinho... Pesquisa realizada no site do Dicionário online em 23 de agosto de 2019 às 20:50 através do link: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=dindin>

usam muito agrotóxico que faz mal pra saúde. Idiomar também falou sobre o tema dele de pesquisa, que é sobre a importância do cofo para os Krahô. Ele disse que tá perto de terminar o curso dele, e vai continuar dando aula na escola.

Também recebemos visita da Itatiane (irmã da ) e Dona Aldenora (mãe da ). Itatiane ganhou *kraré* recente. A criança estava com um mês de nascida. Ela falou sobre o parto, que foi na cidade, e ela precisou ser cortada (fazer cesária), para retirar a criança. Pois estava passando da hora de nascer. Itatiane disse que preferia ter normal, e foi muito ruim ter que ser cortada para poder tirar a filha.

Itatiane falou dos resguardos que ela precisa fazer e a alimentação básica deste resguardo foi abordada por Morim em sua tese de doutorado.

Os krahô distinguem dois tipos de milho (põhy): as variedades tradicionais conhecidas como põhypej (milho belo/bom) e o milho híbrido chamado põhyti (milho grande/pesado). Todas as variedade de põhypej são utilizadas no resguardo pós-parto, independente da cor, pois deixam o corpo leve, possuem grãos redondos e macios quando ainda verdes, duros e resistentes quando completamente secos. Um dos objetivos é justamente fazer com que a criança “fique de pé, cresça rápido” e que floresça impej (bom/belo), assim como os pés de milho. O corpo do jovem pai também deve endurecer, assim como as sementes de milho. (MORIM, 2016, p.145).

Itatiane demonstrou especial preocupação com a amamentação da criança. Disse que precisa ter cuidado para a criança não golfar no peito da mãe, pois isso pode azedar o leite do peito, e a mãe não pode sentir dificuldades de amamentar porque fica muito difícil. Mais uma vez eu expliquei o motivo da visita que é para desenvolver a pesquisa sobre a relação dos Krahô com a água, e *tii* fez a proposta que eu pudesse visitar as famílias da aldeia. E assim eu ia fazendo a minha pesquisa, concordamos com a sugestão, e expliquei que meu trabalho também passa pela observação de como eles se relacionam com a água e que em algumas casas eu ia conversar normalmente, mas observar os costumes.

Nas visitas para Sandra e Dona Aldenora, conversamos sobre a venda e confecção dos colares e pulseiras. Na aldeia as mulheres chamam de artesanato, todavia também compreendo que são artes, pois para confeccionar algumas das peças demanda de todo um trabalho manual. As mulheres falaram do processo de preparar os colares de tiririca, que após tirarem a tiririca no mato, as sementes são colocadas dentro da água para ser mais fácil fazer o buraco por onde vai

passar o fio de tucum (que também é feito manualmente, quando elas tiram a seda do tucum e juntam as várias fibras enroladas na perna, fazendo um único fio mais grosso).

No artigo Terras e territórios, de Seeger e Viveiros eles estudaram exatamente isso o uso dos recurso naturais para manutenção desta sociedade, seja ela para captação de recursos, como a manutenção física e cultural da sociedade.

Note-se ainda que a apropriação dos recursos naturais por uma sociedade não se esgota na obtenção da subsistência física dos indivíduos. Uma variedade de matérias-primas é utilizada com funções simbólicas fundamentais: por exemplo, os caramujos, com que os grupos do Alto Xingu fazem colares usados como meio de pagamento cerimonial (e que hoje são difíceis de serem colhidos nas terras do PNX); ou o buriti, que é a substância básica dos cerimoniais Gê, hoje de difícil acesso para os Suyá na sua reserva do PNX. (SEEGER, VIVEIROS, 1978, p. 104, pdf do artigo p. 06)

As mulheres utilizam-se dos recursos naturais, produzem sua arte para aumentar a sua renda financeira. Dona Aldenora falou da comercialização, e disse que na área Krahô sempre aparece um vendedor de São Paulo que compra as peças, mas ele demora muito tempo para voltar.



Registro de Eduardo Moraes  
Tiririca mergulhada no saco com água



Registros Francilene Medeiros  
Colar e pulseiras de tiririca

Percebi que a Vitória, neta da *tii*, que tem cinco anos de idade, mesmo com a ausência do ribeirão ela passa o dia inteiro brincando com água. Lavava uma mesa que ela usa para brincar, molhava as criações, molhava os pano que ela podia, tomava muito banho. Com isso compreendi que receber a água através da torneira não diminuiu a relação da pequena com a água.

Presenciamos as mulheres Krahô praticarem a medicina tradicional, quando elas foram cuidar do esposo da Dominas que estava doente. Todas as mulheres da aldeia se reuniram na casa da Domingas. Algumas ficavam em volta da rede onde estava deitado o esposo da Domingas, outras foram para cozinha preparar um chá para cortar dor no corpo que ele sentia, outra mulher queimava algumas ervas, e passava a fumaça em toda a casa para espantar os *mekarõ* (espírito ou alma das pessoas que já morreram) para longe do doente. Segundo os Krahô, os *mekarõ* trazem a morte e por isso elas precisam manter eles longe.

Na aldeia Morro do Boi, mesmo que as mulheres não tenham o contato diário com o ribeirão, elas mantêm a forte relação com a água. E foi notório a partir dos cuidados com o corpo, no cuidado da saúde, e até mesmo na brincadeira da pequena Vitória. E mesmo que se tenha mudado a forma de acesso a água, essas mulheres continuam a fazer uso dos seus conhecimentos que receberam dos seus avós.

Diante do trabalho de campo com as aldeias Macaúba, Paraíso e Morro do Boi percebi que a relação das mulheres Krahô com a água tem fortes ligações com os mitos da Mulher Cabaça e da Mulher Estrela. Tem seus usos e significados, na manutenção da vida, mas com especial atenção pois as pessoas podem jogar feitiço na água ou usá-la para fazer veneno, mas claramente a água sem a intervenção humana representa a vida de todos os seres.

#### **2.4 O batismo krahô e a transformação do ser**

Conheci o batismo Krahô na aldeia Macaúba quando Sara (Missionária do Cimi Go/To) e eu fomos batizadas e também quando presenciei o batismo do Eduardo. Este batismo não tem vínculo religioso. Eu o compreendo como um ritual de inserção do kupen (não indígenas) no sistema de relações sociais dos Krahô. E os indígenas decidem no pátio da aldeia, com a presença de toda comunidade, quem vai ser batizado.

Sara e eu fomos batizadas, durante o Seminário do Bem viver, quando as lideranças de mais de dez aldeias do povo Krahô decidiram em reunião no pátio da aldeia, e o porta voz da

notícia foi o Jurandi Krahô, que nos disse: *“Sara e Fran, vocês já trabalham com os Mehin a muito tempo e nunca foram batizadas, isso não tá certo. E por este motivo os Krahô se reuniram no pátio e decidiram fazer o batizado de vocês”*.

E por volta das 06h30min, os homens nos buscaram em nossas redes, e nos carregaram nos ombros até o ribeirão.



Foto Laila Menezes  
Arquivo do CIMI  
Carregada nos ombros e levada para o Ribeirão

Particularmente, senti-me desconfortável por ter que ser carregada nos ombros, mas ao fazer uma entrevista com a Marilene ela falou: *“que carregar a pessoa batizada nos ombros, é trata-lá como rei ou rainha, e por isso a pessoa não pode pisar no chão”*.



Foto Laila Menezes  
Arquivo do CIMI

Banhada pelas mulheres Krahô/ da esquerda para a direita  
Poyoy Krahô, Fran Medeiros e Madalena Krahô.

Antes de mergulhar na água, os Krahô diziam *“a água não está fria, está morninha”*. E fui banhada pela Poyoy, por Dona Madalena, e o restante das pessoas jogavam água, como se cada pessoa que estava ali também ajudasse a dar o banho. Ouvi o ensinamento dos Krahô, *“temos que tomar banho bem cedo, para o corpo não adoecer. É preciso banhar no mijo da sucuri, para ficar forte”*.

*Os mais velhos falavam assim: quando eu era criança, acordava cedo, minha vó dizia assim vai banhar, vai banhar que você vai banhar no mijo da sucuri, porque se o sol sair o mijo dele já passou, e vc vai banhar só com a água, você não vai banhar com o mijo da sucuri, pra você se fortalecer mais, ficar com coragem, ficar mais com força pra ir nos lugares, pra correr, pra ter tudo.* (Entrevista com Poyoy Krahô, realizada, em 04 de julho de 2018, na aldeia Macaúba, durante o Seminário dos Direitos Indígenas).

Depois fomos carregadas nos ombros para sermos levadas ao pátio da aldeia e passaram a nos transformar de cupen em Krahô. Nos vestiram com o mesmo pano que as mulheres Krahô usam.



Foto: Laila Menezes  
Arquivo do CIMI

Percebi que a organização social do povo, também acontece na dualidade dos partidos verão e inverno. Ensinaram que a pessoa do partido do inverno quando vai batizar, toma o banho bem cedo antes do sol nascer, e a pessoa batizada no partido do verão, toma banho depois que o sol nasce. Marilene Krahô disse:

*Diz que nós não pode andar no sol, também nós tem que ficar na sombra quando nós vamos caçar. O pessoal do verão pode fazer barraco nosso, quem é do inverno pode se proteger na sombra. Agora sim na chuva, os wakmie que é de verão, aí nós também pode fazer a casa para eles não molhar também por que são de verão. Aí nós estamos protegendo eles também, é assim que nossos antigos faz. Na organização nesse tempo por enquanto quem tá é o verão, nós estamos só de carona. Agora nós não pode mandar em nada. Agora o pessoal do verão está mandando, o inverno pega no mês de outubro, aí começa o trabalho de nós também. Que nós somos de inverno e eles vão descansar. (KRAHÔ, MARILENE. 04 de julho 2018. Aldeia Macaúba - Terra Indígena Krahôlandia).*

A pintura que é feita, além de identificar a qual partido a pessoa faz parte, também está ligada à beleza corporal. Para os Krahô a beleza tem uma relação direta com o corpo saudável e protegido. E faço referência ao ensaio “Pinturas terapêuticas: corpos e tintas em alguns grupos Jê” que foi escrito pelo professor e antropólogo André Demarchi: “Quero sustentar que, para os diferentes povos aqui comparados, a pintura corporal atua juntamente na reconstituição dessa fronteira que é a pele, delimitando um processo de restituição corporal que aponta para a “participação das pessoas umas nos corpos das outras” Essa participação é que define a produção do corpo entre esses povos. Como afirma Coelho de Sousa, “estar vivo é ter um corpo integrado a essa cadeia de participações””. ( DEMARCHI, 2018, p. 60 E 61).

Em “ Pintar pra ficar bonito” (2012, p. 54, pdf 05) Ferreira Rolande percebeu que entre os Canela, que também fazem parte do grupo timbira “A pintura é uma atividade feminina, cabendo às mulheres pintarem seus maridos e apenas os filhos solteiros, pois segundo José Pires Cahhâl, uma mãe não pode tocar no corpo do filho depois que este se casa, sendo tal atitude vergonhosa para mãe e filho, cabendo à esposa pintar o próprio marido de acordo com Oliveira (2008:69 e 70).” Abaixo, seguem as imagens que expressam parte do que foi falado por Demarchi, e por Ferreira Rolande, pois para pintar o corpo é necessário que outra pessoa o faça.



Foto Laila Menezes  
Arquivo do CIMI  
Pintada por Marilene Krahô

Quanto aos presentes que os Krahô nos deram tinha uma diversidade de colares e pulseiras, de miçangas e tiriricas.



Foto: Laila Menezes  
Arquivo do CIMI  
Recebendo presente da Poyoy Krahô

Poyoy, me fez recordar do tempo que trabalhei no Cimi, quando ela disse:

*Eu escolhi você para dar o meu nome, pq você desde que veio para o Tocantins, tem lutado por nós e nossos direitos, eu gosto de você, você é forte e já viajamos juntas pra longe, já fomos até lá pro Rio de Janeiro, naquela vida difícil que passamos lá naquela mobilização.*

E por fim, o cantor Ricardo, discursou:

*“Você agora é Krahô, recebeu o nome de Poyoy, também recebeu uma família, no costume Krahô, a Poyoy é sua tia ( pois ela é mais velha do que você), os filhos dela passam a ser seus filhos, e você vai chamar a Poyoy de tii ( nominadora ). Agora você tem um krîn na aldeia Morro do Boi, e também tem em toda aldeia que tiver uma pessoa com o mesmo nome que o seu. E você tem as mesmas responsabilidades com a pessoa que te deu o nome, quando ela precisar você, você deve ajudar ela da mesma forma que ela ajuda você”.*



Foto: Laila Menezes  
Momento do discurso e da cantoria

Terminamos o ritual, com uma cantoria (uma série de músicas, cantadas na língua) e depois fomos levadas para tomar o café da manhã. Mas ser batizada nos Krahô, deu-me o sentimento de renovar as forças, para continuar essa pesquisa. Compreendi como aceitação para continuar na luta pela causa indígena.

Essa inserção do *Kupen* na sociedades dos Krahô, associada ao cuidado e reciprocidade que deve existir entre batizado e nominador, mostra que a sociedade Krahô tem como premissa a dádiva a exemplo dos Polinésios: pois a prestação total não implica somente a obrigação de retribuir os presentes recebidos, mas supõe duas outras igualmente importantes: a obrigação de dar de uma lado, obrigação de receber, do outro ( MAUSS, 2007 p. 201. pdf. 12).

Compreendi que minha pesquisa é urgente, no que tange a manutenção dos rios e ribeirões, preservando a fauna e a flora. Também está fortemente relacionado aos usos da água pelas mulheres Krahô de várias maneiras. Como fazer comida, lavar roupas, lavar vasilhas, tomar banho. Ou mesmo nos usos ritualísticos na medicina tradicional, ou nos ritos de passagem conforme foi falado do batismo Krahô. Sendo assim, a relação da mulher Krahô com a água é também manutenção da vida física, cultural e social para este povo.

Na segunda etapa do trabalho de campo, presenciei o batismo do Eduardo. As mulheres da aldeia que pediram para fazer o batismo dele, e a comunidade foi até nós para fazer uma reunião e perguntar ao Eduardo se ele aceitava ser batizado. Ele disse que foi pego de surpresa pela comunidade e aceitou ser batizado. Eu me preocupei, pois não dispomos de recurso financeiro para organizar uma festa de batismo. Expliquei ao Eduardo que nas festas Krahô se faz comida para toda comunidade, chamei o cacique Ivaldo em particular e falei que não tínhamos recurso financeiro para comprar comida, muito menos para fazer um agrado as cozinheiras ou ao cantor. O cacique Ivaldo falou que veria o que pode ser feito para o ritual acontecer, e foi para cidade, ele retornou da cidade por volta das 11h da manhã. Ele conseguiu ganhar uma carne na prefeitura de Itacajá, e feliz disse “*o batizado vai acontecer amanhã, mas como você já vão embora para Morro do Boi, logo em seguida, hoje a noite vai ter festa com cantoria no pátio e muita comida*”. A mobilização na aldeia foi rápida, um grupo buscava água, outro pilava arroz, e as mulheres cozinhavam a comida. Aproveitaram que Mônica Krahô ( filha da Gercília) e seu esposo Romário Krahô estavam na aldeia, e pediram para fazerem a cantoria no ritual, Mônica falou que ajudariam, mas pediu em troca um dia de serviço do pessoal da aldeia Macaúba lá na construção das casas na aldeia Paraíso, e assim os indígenas ficaram combinados.

A noite foi alegre. A comunidade reunida com fartura de comida, na hora de comer cada grupo tinha sua vasilha, um para as mulheres, outro para os homens, Eduardo e eu comemos no mesmo prato. Os Krahô nos falavam como é ser mehin. Contavam suas histórias e diziam que agora o Eduardo tem um krîn na aldeia Macaúba. Depois de muita conversa, os Krahô foram para o pátio, a cantoria aconteceu até as 03h da manhã. E antes das 06h da manhã, antes do sol nascer o ritual do batismo continuou. As mulheres buscaram o Eduardo na rede e o levaram nos ombros até o ribeirão e lhes deram banho enquanto ensinava que os mehin aprendem desde novinho a banhar no mijo da sucuri, que é para manter o corpo forte e com saúde boa.

Em seguida as mulheres o colocaram novamente nos ombros e o levaram para o pátio. Valdirene e Marilene pintaram ele com a pintura do inverno, o partido ao qual agora ele faz parte. E Mônica cortou o cabelo do Eduardo. Ele recebeu o nome Pôhi, que foi dado por um jovem com quem ele fez amizade na aldeia. Ele ganhou muitas pulseiras e colares de presente. O discurso foi feito pela Mônica:

*Eu agora sou sua tia, e quando você tiver a primeira filha o nome dela deve ser Mônica. A aldeia Macaúba é o seu krîn, e sempre que você chegar aqui a casa da Valdirene vai ter um lugar para receber você e em toda aldeia que você chegar e tiver um Pôhi, você também vai ser bem recebido. E ao final do batismo Mônica e seu esposo fizeram a cantoria.*

Apresentei essa versão do batismo para que possamos perceber a diferença do batismo de um homem, e de uma mulher. O batismo do Eduardo foi todo conduzido pelas mulheres elas que o carregaram nos ombros, pintaram o corpo. Mônica fez o discurso e conduziu a cantoria. Enquanto no batismo da Sara e meu, foi conduzido pelos homens, o carregar, fazer o discurso e preparar a cantoria, e pelas mulheres foi feita a pintura. E segundo fui informada quando voltei na segunda etapa do trabalho de campo, o banho era para ter sido dado pelo homens, mas eles ficaram com vergonha.

Os Krahô, têm uma série de rituais que estabelecem as relações sociais tanto dentro como fora do povo, a exemplo do batismo dos *kupen*, por sua vez a água é um agente importante para a manutenção das relações sociais dos Krahô.

### 3. A RELAÇÃO DA MULHER KRAHÔ E A ÁGUA, A PARTIR DOS MITOS

Ao fazer a pesquisa bibliográfica das teorias antropológicas e leituras direcionadas sobre o povo Krahô, percebi que para compreender a relação das mulheres Krahô com a água, eu precisaria dar especial atenção aos mitos. E recorri a vários estudos, entre eles o do antropólogo Julio Cesar Melatti, que cita Lévi- Strauss em seu curso de extensão da Universidade de Brasília, sobre Mitos Indígenas.

Claude Lévi-Strauss, sem negar a contribuição de Malinowski, uma vez que também ele admite a relação dos mitos com a organização social e os outros aspectos da cultura do povo que os guarda, abriu uma nova janela para o exame dessas narrativas. Quero aqui pôr em destaque algumas das propostas de Lévi-Strauss, feitas no seu artigo “A estrutura dos mitos”, publicado pela primeira vez em inglês no *Journal of American Folklore* (vol. 28, nº 270, pp. 428-444, 1955) e divulgado em português no volume *Antropologia Estrutural* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967), que mais contribuíram para dar um novo rumo à análise dos mitos: a) A interpretação dos mitos deve estar mais voltada para os seus aspectos cognitivos do que para os emocionais. b) Não há versões autênticas ou originais de um mito, umas completam as outras e a análise deve levar em conta todas elas. c) Além das unidades linguísticas que podem ser isoladas a partir dos enunciados emitidos em uma língua — fonemas, morfemas, tagmemas —, o mito se compõe de unidades mais abrangentes, a que Lévi-Strauss deu o nome de “mitemas”. Para explicar o que são mitemas, ficou famosa analogia feita por Lévi-Strauss do mito com uma partitura de orquestra. Tomando como exemplo o mito de Édipo, ele assim o dispõe em mitemas: (MELATTI, 2001, p. 02 e 03).

Foi difícil, estudar os mitos, pois a ciência requer que se tire a prova real do que se diz, e como fazer isso com os mitos? Mas aprendi que os mitos são atemporais e trazem consigo as cosmovisões e organização social do povo.

Um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados: “antes da criação do mundo”, ou “durante os primeiros tempos”, em todo caso, “faz muito tempo”. Mas o valor intrínseco, atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente, ao passado, ao presente e ao futuro. (STRAUSS, 1985, p. 241).

Sendo assim, a tal prova real que a ciência busca, pode ser vista na vida do povo que se relaciona cotidianamente com os seus mitos. E passei a compreender melhor os mitos, quando fui para o trabalho de campo na aldeia Morro do Boi. Ao visitar a família da Iraneide e do Domingos, eles estavam reunidos do lado de fora da casa, com alguns filhos e um vizinho. Eduardo e eu fomos muito bem recebidos, a conversa estava animada, e enquanto Iraneide foi

preparar a janta, Domingos nos contou uma versão do mito “ Sol e Lua”, que eu nunca tinha ouvido ser contada antes.

Meu pai contava: Adão e Eva foi uma pessoa que ficou na terra como se fosse um largado, que o pai deles levou eles pra colher mel no mato. Diz que eles viviam de alimentação de coisa do cerrado, aí levou os filhos pra colher mel, aí chegou lá onde era pra eles tirar mel pra eles colher, diz que botou eles do lado e falou: se vocês escutar a cabacinha bater lá naquele lugar, aí vocês vão lá, que eu tô esperando tirando mel, aí diz que eles ficaram na expectativa, na hora que escutasse a pancada eles iam correr lá, ouvisse a cabacinha tocando eles iam lá pegar o mel pra trazer. Aí diz que quando eles escutaram a pancada foram e chegaram lá. Diz que era só uma cabacinha amarrada, que não tinha ninguém, o pai foi lá largou eles e foi embora, e de lá eles foram viver só eles dois. Diz que era Adão e Eva, aí foi da onde gerou a nação indígena. Assim os mais velhos contavam essa história, aí nasceu o índio e o índio ficou no mundo aí, comendo assado no muquém, sem sal. (Entrevista, realizada em 02 de agosto de 2018, com Domingos Krahô na aldeia Morro do Boi).

Nesta visita, constatei que o mito tem várias versões e este mito que foi contado por Domingos, eu já o conhecia em outras duas versões. A primeira foi coletada pelo Melatti, na década de 80 na área Krahô, a segunda foi contada pela Prumkwyj Krahô, em sua dissertação de mestrado. As três versões apresentam em vários momentos as mesmas passagens, todavia claramente, agregam detalhes importantes que podem complementar a história do povo.

Outro detalhe que muito me chamou atenção nas obras, “*A estrutura dos mitos*” (1985) e em “*Mitos e Significados*” (1978), foi constatado que os mitos têm seus heróis. E no povo Krahô, os heróis são “Sol e Lua”. Eles eram gente, ambos do sexo masculino, viviam na terra, criaram os mehin, a mulher e o homem, também ensinaram sobre plantações e resguardos. Estes são elementos presentes na sociedade Krahô até os dias atuais, na organização social dos Krahô. Mas na versão apresentada por Domingos, me leva a crer que é resquício da catequização dos índios, embora eu não tenha realizado um estudo para investigar tal contexto presente neste mito. Penso em duas hipóteses que talvez possam responder a essa relação do mito com os personagens Adão e Eva. A primeira que a ação missionária buscou invisibilizar os heróis sol e lua, e fez uma supervalorização dos personagens Adão e Eva. E a outra é que os índios fazem uso deste mito com os personagens Adão e Eva, como uma forma de traduzir para os *Kupen* o mito do Sol e lua.

E para falar da relação da mulher Krahô com a água, escolhi os mitos, da Mulher Cabaça e da Mulher Estrela, para compor essa monografia. No primeiro mito, tomei emprestada a versão contada pela Prumkwyj, em sua dissertação de mestrado, o motivo de utilizar esta versão é por

que ela faz parte do trabalho de uma mulher Krahô, e faço questão de apresentar a Creuza e mostrar o lugar de fala dessa mulher, do qual tanto farei referência em meu trabalho.

Creuza Prumkwyj Krahô<sup>9</sup>, nasceu na Galheiro, em 05 de fevereiro de 1971, atualmente reside na aldeia Nova, é mãe de três filhas. Em sua formação profissional, cursou o magistério no estado do Tocantins, ingressou na Universidade Federal de Goiás pela Licenciatura Intercultural e fez mestrado pelo Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais - MESPT, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília.

Comparo Prumkwyj Krahô ao líder indígena Davi Kopenawa, pois ambos utilizam-se da escrita para defender seus hábitos, costumes e crenças. Davi fez isso ao escrever “A Queda do Céu” em parceria com Bruce Albert, no texto “*Falar aos brancos*” (2015). Eles escreveram o processo vivido por Kopenawa, quando começou a participar das conferências e grandes reuniões, na luta pela defesa de seu território. E Prumkwyj assim como Davi, também defendeu os hábitos, costumes e crenças de seu povo, quando escreveu a dissertação de mestrado “Wato ne hômpu ne kâmpa - Convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mâkrarè)”. A dissertação fala sobre os resguardos e fez uma análise de conjuntura e denunciou a pouca implementação dos direitos específicos e diferenciados tanto na educação escolar, quanto na saúde indígena. Tenho profunda admiração e respeito por essa mulher. Conheci a Creuza durante um Seminário da Licenciatura Intercultural (2017), que aconteceu no Campus de Porto Nacional, onde a mesma apresentou dizendo: eu sou Antropóloga, e trabalho pelo meu povo. Creuza é forte e determinada, assim como são as mulheres Krahô, e junto com os homens, formam seu povo e os mantêm em unidade, pois cada Mehin é formador deste grande povo.

E o segundo mito, foi uma versão apresentada pelo Doutor, professor e antropólogo Julio Cesar Melatti<sup>10</sup>, em seu curso de extensão da Universidade de Brasília, sobre Mitos Indígenas,

---

<sup>9</sup> Pesquisa realizada na dissertação de mestrado - Wato ne hômpu ne kâmpa Convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mâkrarè) entre das páginas 13 - 15 da dissertação.

<sup>10</sup> Pesquisa realizada em 06 de agosto de 2019. Vídeo de entrevista com o Antropólogo Julio Cesar Melatti, pela Fundação Getúlio Vargas, pelo link: <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/juliocezarmelatti>  
Transcrição da entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, página 10, Melatti fala sobre sua presença na área Krahô.  
[https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/cientistas\\_sociais/julio\\_cezarmelatti/pho\\_julio\\_cezarmelatti\\_2017-03-23\\_transcricao.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/cientistas_sociais/julio_cezarmelatti/pho_julio_cezarmelatti_2017-03-23_transcricao.pdf)

que foi estagiário do antropólogo Roberto da Matta, e fez pesquisa na área Krahô na década de 60.

### 3.1 Mulheres cabaça

Essa versão foi apresentada por Creuza Krahô, em sua dissertação de mestrado pela Universidade de Brasília, no ano de 2017.

Cada cabaça tem um jeito diferente e é uma mulher, todas foram feitas pelo Sol. A mulher (mehi) veio da cabaça. A primeira mulher (mehi) e as outras surgiram dessa história que irei contar [...] Sol e Lua eram dois compadres, dois homens, existiam só os dois no mundo. Lua tem preguiça, xinga, briga e atrapalha, por sua vez, Sol trabalha e organiza. Eles não são parentes (hõpin), mas compadres. Eles fizeram uma roça e plantaram somente cabaças. Lua perguntou por que Sol estava plantando somente cabaças. Sol disse que queria uma mulher, porque delas se originam as pessoas. Depois Sol pegou uma semente do croá e plantou na mesma roça. Assim, metade da roça era de cabaça e a outra metade era de croá. Lua perguntou por que Sol estava plantando croá, ele disse que eram os homens. Em seguida, Sol deixou uma marca na futura aldeia das mulheres-cabaças e dos homens-croás. Trata-se do círculo redondo, base das aldeias Mehi, no centro deste círculo encontra-se o pátio. Ao redor do pátio, Sol fez várias estruturas de palha, que serão as casas de cada mulher-cabaça. Quando as cabaças estavam prontas, boas, maduras, Sol chamou Lua para ir com ele na roça, mas Lua estava com preguiça e não foi. Sol foi sozinho para a roça, andou por toda a rama de cabaças, olhando as cabaças, era manhã. E encontrou uma cabaça bem bonita, pegou essa cabaça e colocou dentro da água e falou: “Você irá virar uma mulher bem bonita”. Sol continuou falando que, de tarde, ela tinha que estar na casa dele. Quando a tarde chegou, Sol e Lua escutaram alguém fazendo barulho dentro do rio, era uma mulher-mehi. Lua falou com Sol que havia alguém fazendo barulho, Sol falou para Lua: “Calma não fique assim, não”. Lua queria ver quem era, mas Sol falou para não ir. Lua olhava para a estrada. Aí veio uma mulher com cabelo comprido, grande, bem bonita. Lua falou que a casa do seu marido é pra lá, assim ela seguiu para a casa de Sol. Quando chegou lá, Sol a recebeu e falou que ela era a mulher que ele queria, aí dormiram juntos e, no outro dia de manhã cedo, ele foi caçar, mas antes passou na casa dae Lua e pediu para ele não ir lá. Lua falou para Sol que não iria lá. Quando Sol sumiu no mato para caçar o caititu, Lua foi até sua casa e fez sexo com a mulher do Sol que era virgem. Depois desse evento, ela menstruou, quando Sol chegou do

mato, a porta esta arreventada e a mulher dele falou que ela estava sangrando. Sol disse que, de agora em diante, as mulheres iriam sangrar todo mês. Sol pegou urucum e pintou ela de vermelho, pegou umas palhas de pati e falou para ela ficar sentada e disse que enquanto ela estivesse sangrando ela não poderia banhar no rio, molhar a cabeça, só podia comer macaúba e milho. Esse foi o primeiro resguardo vivido pela mulher. Sol dividiu o caititu ao meio e levou uma das bandas para Lua. Perguntou para Lua por que ele tinha mexido com a mulher dele. Lua pediu desculpas e disse que tinha que ser assim, ninguém tinha que ficar só com uma mulher. Sol falou que iria fazer uma mulher para Lua. Sol foi à roça, tirou uma cabaça com formato de pescoço definido, comprido, não era do jeito da mulher do Sol. E botou na água, aí, de tarde, a mulher de Lua saiu com o cabelo anelado, o pescoço mais fino e cabeça grande. No outro dia, ele retirou todas as outras cabaças da roça e jogou no rio. Pegou cabaças feias e bonitas, de todo o jeito e colocou dentro do rio. Sol falou para as cabaças que todas elas se tornariam mulheres e que, quando saíssem da água, elas deveriam ir direto para suas casinhas com seus companheiros. Sol retornou à roça, tirou todos os croás e os colocou, também, na água, junto das cabaças. Ele falou: “Vocês são os homens dessas mulheres que estão aqui, cada mulher sairá da água e levará seu marido”. Cada croá tinha um jeito diferente, azul, vermelho e verde, tinha croá bonito, feito, de todo jeito. Todos eram magrinhos, não tinha grosso. Assim, cada mulher pegava no braço dos homens e o casal saía andando em direção a suas casas de palhinha, cada casa tinha um casal. E, assim, foi feita a aldeia (Mehi). Sol falou que o sinal marcado no chão, o círculo, era o sinal dele. E avisou que se um dia esse sinal sumisse, todos iriam morrer e não restaria mais nada. A casa é da mulher (mehi), ela é quem faz tudo. Ela faz a vida dos Mâkrarè, povo que originou os Mehi. Elas mantêm a casa, os rituais, as festas, as relações sociais. As mulheres fazem e os homens acompanham. Os rituais e festas acontecem quando há algum resguardo para ser feito com uma pessoa de uma casa. Assim, quando isso acontece, é feito um comunicado pelo homem-chamador no centro da aldeia para os outros homens, que repassam essa informação em suas casas. Assim, todas as mulheres da aldeia iniciam a organização da festa. ( PRUMKWYJ, 2017, p. 26 e 27).

Este mito, da criação dos mehin identifica sol e lua como heróis, que eram homens e viviam na terra sozinhos, e sol resolveu criar uma companheira, a partir do encontro da água com a cabaça. A cabaça que simbolicamente é mulher, pois dá origem a vida, armazena água, armazena sementes tanto para o cultivo, quanto às sementes do resguardo da memória, carrega

consigo a sabedoria de cuidados com o corpo, neste mito a cabaça também foi apresentada como a casa das mulheres, a exemplo do que foi apresentado por Creuza em sua tese de mestrado.

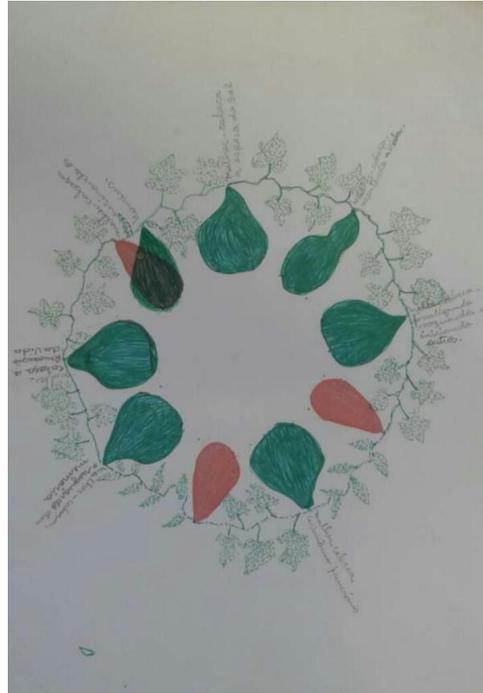


Imagem da tese de mestrado de (PRUMKWYJ, 2017, p. 29).

A organização social dos Krahô, é marcada pela presença do dualismo, homem e mulher, o sol e lua, inverno e verão, tal semelhança se faz presente no espaço físico vai ter a relação do espaço público e espaço privado.

Morim coloca em evidência que além deste limite entre o público e o privado, é através das casas das mulheres que vai ter o contato mundo interno e mundo externo.

A forma circular das aldeias Timbira é bastante conhecida na literatura antropológica, mas cabe aqui uma breve descrição. Vista do alto, a aldeia Krahô é a visão perfeita do desenho de um sol. A aldeia (krin) é composta por um pátio central (kâ) circunscrito por um caminho circular (krincape) onde ficam dispostas as casas (ihkre) que, por sua vez, estão ligadas ao pátio por meio de caminhos radiais (prýkarã). Desta maneira, todas as casas estão ligadas entre si através do caminho circular, a “rua”, sendo que cada uma delas está de maneira equidistante conectada ao pátio, espaço festivo de reunião e encontro. A aldeia é simbolicamente dividida (à imagem da “pizza”) em diferentes segmentos residenciais, estes formados pelas casas das mulheres que descendem em linha feminina de uma mesma mulher ancestral. Por trás das casas, saem outros caminhos que levam ao rio, às roças, ao Cerrado e à cidade. Os caminhos (prý) constituem uma categoria de pensamento fundamental para os Krahô. Seguros ou perigosos, visíveis ou escondidos, eles realizam mediações e aberturas, através deles as pessoas podem ir e vir, deixando seus rastros. Assim como o sangue e o ar devem circular pelo corpo da pessoa, caminhos são como as

veias e vias respiratórias que permitem o bom funcionamento do corpo social e cósmico. (MORIM, 2006, p. 41).

A conforme foi estudado por Carneiro da Cunha em “*Os Mortos e os Outros*” (1978), Em outras palavras, ou os mortos são relegados ao exterior do espaço social da aldeia ou são confinados à esfera doméstica.

Desta forma é possível perceber que existe uma engrenagem que faz a dinâmica da organização social caminhar, e passa pela casa das mulheres a permissão do que vai adentrar para o pátio da aldeia ou não. Carneiro da Cunha, “*Os mortos e os outros*” (1978), fez a reflexão que: O Krahô procura morrer na casa materna e nesse intuito poderá se submeter, já agonizante, a penosos transportes.

Por outro lado, as mulheres têm fortes relação simbólica com as cabaças, elas armazenam sementes, dão origem a vida, e carregam consigo conhecimentos que foram ensinados para as mulheres a partir dos mitos, conforme foi apresentado Prumkwyj Krahô em sua tese mestrado, no qual faço questão de destacar pois cada uma das mulheres receberam ensinamentos que tem a relação com a água, e conseqüentemente com o copo.

Mulher Cabaça, o resguardo da memória - Essas mulheres são cantoras, elas guardam uma semente na cabeça, que veio das mulheres cabaças. Para essa memória ser guardada e limpa, essas mulheres devem usar o sereno, usar vários tipos de plantas medicinais, remédio do cerrado, uso da água do rio pela manhã, bem cedo. Devem tomar banho cedo. (PRUMKWYJ, 2017. p. 70).

Durante a pesquisa bibliográfica fiz uma associação entre o sangue e a água, pois ambos tem uma certa aproximação e são importantes para a manutenção da vida do ser humano. Mas o que é mesmo o sangue para os Krahô? Em “*Os mortos e os outros*” (1985) Carneiro da Cunha diz: Sangue e movimento estão ligados: quando se está parado, o sangue está secando. Quando se caminha ou se corre, os músculos trabalham e o sangue vai se espalhando.

No trabalho de campo, foi comum ouvir os Krahô falarem dos resguardos quando se tem filhos, que os pais precisam fazer o resguardo do alimento, ou interdições como as que o pai não pode matar uma cobra pois isso pode deixar o corpo do pai e também da criança doente. E os Krahô mantém uma série de cuidados para não ser penetrado pelo sangue. Não podem comer carnes mal passadas, pois o sangue pode fazer mal. Enquanto que o sangue menstrual e da placenta, pode causar dor de cabeça e febre.

Conforme foi apresentado, menstruação e gravidez caminham juntas, na ausência da menstruação, se a mulher estiver em idade fértil e gozar de boa saúde, pode surgir a gravidez, que exige dos Krahô uma série de resguardos, para garantir que a criança goze de boa saúde.

Segundo as ideias kraôs a respeito do assunto, tanto o homem quanto a mulher contribuem com substâncias que formam o organismo do novo ser humano. Tais substâncias são oriundas dos alimentos que os genitores ingerem. Todo homem que tiver relações sexuais com uma mulher grávida, contribui para a formação do organismo do filho que ela traz no ventre. Desse modo, o indivíduo só pode ter uma genitora, mas pode ter mais de um genitor. Mesmo depois do nascimento e até na idade adulta, todo indivíduo continua a manter uma ligação biológica com aqueles que o geraram. As coisas se passam como se o organismo dos genitores continuasse nos organismos daqueles que geraram, de modo que, se algum fenômeno afetar o corpo do genitor, afetará também o corpo de seu filho. As ligações entre os corpos dos indivíduos assim relacionados são particularmente sensíveis durante os períodos em que um deles apresenta estado de debilidade ou fragilidade: o período após o nascimento, uma enfermidade grave ou após uma picada de cobra. De fato, logo após o nascimento de uma criança, seu pai ou pais biológicos e sua mãe biológica devem respeitar, durante certo tempo, determinados tabus: estão proibidos de comer carne, de fumar, de terem relações sexuais, de fazerem serviços pesados, de falarem em voz alta; nesses primeiros dias após o parto os genitores só podem comer batata-doce, inhame, milho branco, coco-macaúba. (MELATTI, 1976, p. 03 e 04).

Os povos indígenas da Amazônia também mantêm uma relação de constante cuidado no contato com o sangue, e assim como as demais sociedades, compreendem a importância do sangue para a manutenção da vida. Todavia, as sociedades indígenas do Amazonas, compreendem o sangue, como um agente de muita inteligência.

Com senso de humor tipicamente amazonense, Shajián Wajai deixa claro que o sangue não é algo para ser constantemente derramado, mas sim movimentado através das veias atribuindo pensamento a todas as partes do corpo. O coração é o centro a partir do qual os pensamentos são impulsionados, alcançando todos os órgãos e permitindo que uma pessoa aja sobre o mundo em interação com outros. Comida, objetos, palavras, música, cheiros e crianças produzidos são manifestações da boa circulação dos pensamentos de uma pessoa, exteriorizados na realidade física por meio de seu trabalho habilidoso e esforçado. Em Awajun, assim como em muitas línguas amazonenses, o “pensamento” implica a noção de lembrar com compaixão aqueles que amamos e fazer algo para aliviar ou evitar a sua dor. Os pensamentos que circulam no sangue, portanto, se traduzem em trabalho e em cuidados efetivos entre os parentes. (BELAUNDE, 2006, p. 211).

Voltando para os Krahô, as mulheres tem uma vasta responsabilidade social, que são extremamente importantes na manutenção dos costumes e crenças, e em maior parte, é responsável pelos resguardos do sangue. As mulheres e os homens Krahô caminham lado a lado e juntos eles mantêm o sistema social do povo, e complementam-se, homem e mulher, assim como sol e lua, inverno e verão.

Este trabalho ao mesmo tempo que fala da relação das mulheres Krahô com a água, a partir dos mitos, também ressalta o contexto que as mulheres Krahô vivem atualmente, onde aprenderam a falar português, participam de várias reuniões, internas e externas na luta pela defesa dos seus direitos. Abaixo seguem duas imagens que retratam muito bem o que acabo de falar. A primeira delas é a divulgação da Marcha das Mulheres Indígenas, que acontecem em Brasília de 09 - 13 de agosto. Na sequência nos dias 13 e 14 de agosto, acontece Marcha das Margaridas.



Imagem de divulgação das Marchas, das Mulheres Indígenas e Marcha das Margaridas<sup>11</sup>.

E a segunda imagem, é um de um grupo de mulheres Krahô, que estão a caminho de Brasília participando da Marcha das Mulheres Indígenas.

---

<sup>11</sup> Pesquisa realizada no site, Articulacion Feminista Marcosu, em 09 de agosto de 2019. Através do link: <https://www.mujiresdelsur-afm.org/1a-marcha-das-mulheres-indigenas/>



Foto Prumkwyj em 09 de agosto de 2019, Mulheres Krahô a caminho de Brasília para participar da Marcha das Mulheres Indígenas.

Por sua vez a relação das mulheres Krahô com a água, se explica a partir do mito de criação da mulher, que é repassado no cotidiano da vida do povo, as mulheres mantêm a organização seja do espaço físico, social e dá origem da vida.

### 3.2 Mito da mulher estrela

No mito da Mulher Estrela, em uma versão que foi coletada pelo antropólogo Melatti vai ser possível encontrar mais elementos que falam dessa relação de mulher Krahô com a água.

Havia um rapaz que não tinha casado nunca e os seus colegas já haviam casado todos. De vez em quando ele dormia no centro da aldeia, cantando toda a noite. Katxeré (uma estrela) pensou lá em cima: "Ah, eu vou casar-me com esse rapaz, porque ele não arranjou mulher; vou descer". Na noite seguinte ele estava deitado no pátio e Katxeré desceu. O rapaz já estava dormindo. Ela se transformou em sapinho e veio pulando. Sentou-se na goela dele. Ele pegou-a com a mão e atirou-a para longe de si. Ela tornou a vir sentar-se na goela dele. Ele a jogou outra vez. Ela veio de novo. Ele jogou. Então Katxeré lhe disse: "Sou eu quem está vindo aqui e você me está jogando longe". Ela já se tinha transformado numa mulher alva, na praça da aldeia. O rapaz lhe respondeu: "Ah, eu estava pensando que era um sapo!" "Agora nós vamos deitar". Katxeré deitou e perguntou ao rapaz: "Você é rapaz solteiro?" "Sou solteiro". "Você não tem noiva não?" "Está me desgostando porque eu nunca achei noiva e estou solteiro todo o tempo". Katxeré disse: "Você é solteiro, eu sou também, eu não arranjei marido por lá, e toda a noite vejo você sozinho, e então eu vim até você para conversar, saber se você me quer e então nós casaremos". "É, dá certo para nós casarmos, porque, como você não arranjou, eu também não tenho, eu não faço questão, porque eu estou no tempo de casar, não acho mulher e agora estou achando". "Bem, agora nós dormimos". Dormiram. Quando já estava amanhecendo, Katxeré falou: "Agora, você tem uma cumбуquinha?" "Tenho". O rapaz escondeu Katxeré na cumбуquinha, tampoua, pendurou-a e foi para o mato. Quando voltou, destampou a cumбуca e Katxeré estava rindo para ele. Passaram-se muitos dias, ele sempre

destampando a cumбуquinha e ela sempre rindo para ele e, de noite, ele a tirava da cumбуca e ia dormir com ela lá fora. Quando o dia vinha clareando, ele a colocava na cumбуquinha e ia banhar-se. A irmã do rapaz já estava cansada de ver ele tirar a tampa da cumбуca e rir: "Mas porque é que meu irmão ri para a cumбуquinha; talvez haja alguém. Quando ele for para o mato, eu vou destampar a cumбуca. Sempre que volta para casa, destampa a cumбуca e ri; talvez haja alguma coisa para ele". Quando ele saiu para o mato, a irmã foi falar com a mãe. "Oh mãe, eu quero subir e tirar a cumбуquinha para ver o que é que tem, porque todo o dia, quando ele chega do mato, destampa a cumбуca e ri". A mãe respondeu: "Não, não mexa com as coisas de seu irmão; ele pode chegar e ver mal fechada a tampa e vai zangar-se". A irmã do rapaz respondeu: "Não, não vou mexer em nada não, vou apenas ver". Subiu, apanhou, destampou e Katxeré riu; era bonitinha mesmo!" Aí a irmã tampou novamente, porém mal; desceu e foi contar para a mãe: "Oh, mãe, há uma coisa bonitinha mesmo, alvinha mesmo, destampeei, ela riu para mim, conheceu, baixou o rosto; por isso é que seu filho destampa para rir para a cumбуca". Aí o irmão chegou, viu a tampa da cumбуca e falou, zangado: "Oh mãe, quem mexeu na cumбуca?" "Foi sua irmã. Ela mexeu, eu briguei e ela foi embora". Quando já ia escurecendo, Katxeré falou ao rapaz: "Agora você manda fazer cama e eu vou sair, porque sua irmã já me viu". E o homem falou (com a mãe?): "Agora você vai fazer cama aí mesmo para mim, porque eu não vou mais dormir no pátio". Ela fez a cama. Ele tirou a cumбуca, desceu, destampou-a, saiu a moça. Ela conversou com a velha, com a cunhada. Não ia mais esconder-se não. O povo de outra casa veio e comentou: "Eta! Aquele rapaz casou com moça bonita mesmo". Nesse tempo os índios comiam toda espécie de coisa ruim do mato. Não havia mandioca, nem milho, nem arroz etc. Aí o rapaz já havia "mexido" (copulado) a moça (Katxeré), já a tinha emprenhado, e outro "ajudou" (a engravidá-la). Então nasceu o menino. Havia pés de milho na fonte e os periquitos neles gritavam. Katxeré perguntou: "Onde é o banheiro (local de tomar banho) aqui?" O rapaz levou-a para a fonte e ela viu o pé de milho, com os galhos cheios de espigas. Ela viu os caroços no chão, que periquito tirava. Katxeré falou: "Vá buscar fogo, porque eu quero fazer paparuto desse milho, porque é comida boa". O marido foi até a casa e de lá trouxe o fogo. Ela acendeu, juntou milho, ralou no ralador de pedra, pisou, fez quatro paparutos grandes, moqueou e, quando estavam assados, tirou. Quebrou um pedaço e deu para o marido. Este não quis comer, com medo de morrer. Ela insistiu. O marido experimentou, comeu bem, bebeu. Levaram o paparuto para a casa. Mostraram-no aos outros e juntaram-se muitos para verem o paparuto. Comeram muito. A mulher falou: "Há muito (milho) aí, vão fazer paparuto, é comida boa, vocês estão comendo comida ruim, que não serve". Ensinou aos outros a fazerem paparuto e todos acharam bom. Havia uma aldeia longe e Katxeré mandou buscar lá um machado. Mandou dois rapazes (de uns 20 anos de idade). No meio da estrada eles encontraram um velhinho (ficara velho porque tinha comido uma certa caça), na beira da estrada. Os rapazes lhes disseram: "Como vai, kederé?" "Como vão?" "Que está assando?" "Eu estou assando uma caça". "Nós queremos comer também!" "Não, sigam a viagem, se vocês comerem, ficarão velhos assim mesmo!" "Não, nós vamos comer porque estamos com fome". "Então arranjem uns paus, para depois poderem caminhar". "Vamos tirar, nós não vamos ficar velhos não, é mentira". Tiraram os paus, trouxeram e deixaram. Quando a caça estava assada, o velho a tirou da cinza, esfriou e repartiu, dando uma banda para os rapazes. Eles comeram. Deitaram para descansar. Dormiram. Quando acordaram, já eram velhinhos, caducos, não prestando mais para caminhar ligeiro. O velho lhes disse: "Eu estava dizendo para vocês! Agora vocês voltam para trás, vocês vão custar a chegar, não chegarão hoje, só daqui a três dias". E eles voltaram. Passaram dois dias, veio outro (rapaz) e encontrou com eles, soube da história e foi buscar o ferro (machado). No mesmo dia voltou, ainda passou de novo pelos dois velhos e chegou à aldeia antes deles. E lá disse: "Os dois velhos não chegam já não!" "Que velhos?" "Aqueles rapazes que foram, já estão velhinhos!" Mais tarde eles chegaram. Falaram-lhes: "Oh, por que fizeram isso! Foram comer a caça do velho, poderiam ter passado por ele sem parar; vocês não vão mais andar como antes! De manhã

o povo foi cortar pé de milho; quebraram muito milho. Fizeram paparuto, pão de milho. Katxeré falou ao marido: "Agora você fazer uma roça para você ver eu plantar". Ele brocou, derrubou e, quando secou, queimou. Katxeré foi buscar semente lá em cima (no céu). Subiu daqui mesmo. Trouxe amendoim, abóbora, melancia, batata, inhame, mandioca, banana, fava, trouxe semente de tudo, arroz, olho de cana. Ela desceu e ensinou o marido a plantar tudo. A roça estava cheia de "legumes". O filho de Katxeré nasceu e aquele que "ajudou" o marido dela (a fazer a criança) estava comendo coisa ruim, o que fez mal à barriga do menino. Katxeré se zangou. Foi fazer "remédio" para os dois "ajudantes" do marido. Tirou timbó (cipó que mata peixe) machucou no cuião, tirou a água (suco) do timbó, água escura, chamou-os e lhes deu para beber. Eles beberam e o timbó lhes fez mal à barriga, que inchou. Eles morreram. O filho de Katxeré morreu. E ela voltou para o koikwá (céu). O marido ficou na terra solteiro. Ela ensinou ao marido tudinho o que se fazia com a semente quando estivesse boa e ele tomou conta da plantação até o tempo da colheita e colheu os "legumes" todos. Colheu arroz, milho, amendoim, batata, inhame etc. Todos os anos, daí por diante, punha roça. Os outros começaram a fazer roça também, porque essa era comida boa. Os outros aprenderam e já estavam fazendo roça e plantando aquelas coisas. (MELATTI, 2001. p. 04 - 06)

Este mito faz referência, ao casamento do rapaz, com a mulher Estrela, percebo que há uma continuidade do ciclo de casamentos dos seres da terra, com os seres vindos do céu, a exemplo, do sol e da lua, que casaram-se com as mulheres que o sol criou.

Além de criar as mulheres, sol repassou a elas várias ensinamentos, para manter a vida dos mehin, seja ela física ou cultural. Claramente os mitos narram a criação do mundo dos mehin, que passou por vários dias e muitos aprendizados, diferente da criação do mundo para o cristianismo, onde ele foi criado em sete dias, e colocou na terra tudo que Adão e Eva precisavam para viver bem.

Todavia, meu trabalho tem por intenção investigar a relação das mulheres Krahô com a água. E muito me chamou atenção algumas passagens deste mito, o primeiro deles é o fato da mulher Estrela ter descido do sol em forma de sapo, e instantaneamente associei o sapo a água. Mas não sabia como explicar isso no mito, e o fato do sapo se transformar em mulher, mais uma relação com a água, a mulher ser guardada dentro da cumбуquinha, e por fim o fato da mulher conceber plantas como filhos.

Precisei recorrer a alguns estudos que me proporcionem uma melhor compreensão sobre os mitos, e tive acesso ao ensaio de Vilma Chiara

O sapo se faz presente quando quando chove. É um animal da umidade, da chuva, da enchente. A mulher-estrela, vendo que os homens só comem madeira puba 5 assinala a seu marido a existência de milho no riacho da aldeia. Depois disso, vai ao céu e da lá traz mandioca e batata-doce, além de outros alimentos. Isso estabelece uma diferença entre o milho e a batata-doce. O milho é "da terra" ou "do homem em posição terra" como diz Lévi-Strauss, e a batata-doce é do céu, da mulher. (CHIARA, 1978, p.32).

O Sapo, a mulher, a cabaça, a água, em minha compreensão são mulheres que tomam variadas formas, e que são gestoras da vida. E ao perceber a escassez de alimentos a mulher estrela engravida, e ela concebe as plantas, *“Caxêkwyj oferece seus “filhos-plantas” para seu novo povo: as plantas cultivadas que ela traz do céu, onde fica sua casa materna e sua roça<sup>12</sup>”*.

Em sua obra Ritos de uma tribo Timbira, Melatti (1978) afirma que para este povo a água está associada a várias fases importantes da vida: nascimento, nomeação, ritos de passagem e rituais fúnebres; além de estar presente também na mitologia, como no mito de criação do mundo. Segundo o mesmo autor, os períodos de chuva e de seca, ou seja, de abundância e de falta de água, regulam a atividade ritual dos krahô.

O costume do banho, para manter o corpo forte e saudável foi repassado para a mulher Estrela, quando todas as manhã a levava para banhar no rio. Lembrando que o banho faz parte dos ensinamentos recebidos para manter a saúde, que permanece no costume dos Krahô até hoje.

Katxeré foi buscar semente lá em cima (no céu). Subiu daqui mesmo. Trouxe amendoim, abóbora, melancia, batata, inhame, mandioca, banana, fava, trouxe semente de tudo, arroz, olho de cana. Ela desceu e ensinou o marido a plantar tudo. A roça estava cheia de "legumes". O filho de Katxeré nasceu e aquele que "ajudou" o marido dela (a fazer a criança) estava comendo coisa ruim, o que fez mal à barriga do menino. Katxeré se zangou. Foi fazer "remédio" para os dois "ajudantes" do marido. Tirou timbó (cipó que mata peixe) machucou no cuião, tirou a água (suco) do timbó, água escura, chamou-os e lhes deu para beber. Eles beberam e o timbó lhes fez mal à barriga, que inchou. Eles morreram. (MELATTI, 2001. p.06).

Compreendi que a água é o líquido que flui, que requer uma série de cuidados, conhecimentos e resguardos, e não me limitei tão somente a água como este líquido, incolor, inodoro e sem cheiro conforme nos é ensinado na escola formalmente. Fiz reflexões a partir de outros elementos importantes como o sangue no mito anterior, agora com o suco do timbó, e como vimos de forma detalhada, o banho no batismo Krahô. A simbologia da água está em diversos espaços e significados e existem fortes relações entre a água e as potências de criação, do mundo, da mulher, dos animais e dos vegetais.

Assim, como percebemos na análise dos mitos podemos perceber as seguintes relações entre as personagens dos mitos e água.

#### Alvinha - água - mulher

---

<sup>12</sup> Pesquisa realizada na tese de Doutorado, da Morin, Ana Gabriela. “Brotou batata para mim” Cultivo, gênero e ritual entre os Krahô (TO, Brasil) 2016, p 172.

Sapo - água - mulher  
Cabaça/ Cumbuquinha - água - mulher

Foi possível compreender que os mitos reforçam cotidianamente a importância da mulher Krahô em sua sociedade, pois elas são portadoras de seus ritos, costumes e crenças. E isso foi de fundamental importância, para que tomasse consciência do quanto diferente são as realidades das mulheres Krahô, em relação a outros grupos de mulheres. As mulheres Krahô reconhecem suas lutas, pela defesa do território, proteção da água, saúde e educação específica e diferenciada. Estas são lutas que se unificam com a de outros povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos entre outros. A exemplo da imagem abaixo, quando Gercília Krahô concedeu entrevista ao Jornal Porantim e falou: “não vamos deixar o Matopiba passar. Não vamos deixar roubar nossas terras e matarem os rios e as matas, que são sagrados”.



Imagem: Print do jornal Porantim, p. 6. Edição de junho/julho do ano de 2016 <sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Pesquisa realizada no dia 12 de agosto de 2019. Através do site do Conselho Indigenista Missionário às 06:35 pelo link: [https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Porantim-386\\_Jun-Jul-2016.pdf](https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2017/11/Porantim-386_Jun-Jul-2016.pdf)

#### 4. O CORPO. MULHER KRAHÔ- FORMANDO OUTRO CORPO

Neste capítulo a atenção estará voltada para o corpo da mulher Krahô na gestação, que está em total conexão com a água. Todavia tomei a liberdade de fazer uma prévia introdução, sobre a noção de corpo das sociedades indígenas do Brasil.

O artigo “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”, foi a grande contribuição do Brasil para a antropologia, pois a relação das sociedades indígenas com o corpo, é marcada por resguardos, símbolos, e ritos ao mesmo tempo que formar este corpo demanda todo um trabalho coletivo do povo.

A produção física de indivíduos, se insere em um contexto voltado para a produção social de pessoas, i, e membros de uma sociedade específica. O corpo, tal como nós ocidentais os definimos, não é o único objeto e (instrumento) de incidência da sociedade sobre os indivíduos: os complexos de nomenclatura, os grupos e identidade cerimoniais, as teorias sobre a alma, associam-se na construção do ser humano, tal como é entendido pelos diferentes grupos tribais. Ele, o corpo, afirmado, ou negado, pintado e perfurado, resguardado ou devorado, tende sempre a ocupar uma posição central na visão que as sociedades indígenas têm da natureza do ser humano. Perguntar-se, assim, sobre o lugar do corpo é iniciar uma indagação sobre as formas de construção da pessoa. (SEGEER, MATTA e VIVEIROS, 1979, p. 4, no pdf p. 3)

Como se percebe generalizar não é um caminho interessante a percorrer, pois os subgrupos sociais tem as suas regras internas, ou seja as suas particularidades, que pode ser de ordem econômica, social, de raça ou credo religioso.

Mas voltando à noção de corpo para as sociedades indígenas, ainda no mesmo artigo “ A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras” também foi apresentado a noção de corpo para o grupo Jê, do qual os Krahô fazem parte, o estudo diz:

Assim, entre os Jê do Brasil Central, o dualismo, entre esfera doméstica (periferia da aldeia) e a esfera público - cerimonial ( centro da aldeia) é basicamente uma oposição complementar entre o domínio estruturado em termos de uma lógica de substância física ( produção de indivíduos, alimentos, associação por laços de substância) e o domínio estruturado em termos de relações de nomenclatura ou classes de idade, relações que <<negam>> os laços de substância. O corpo humano entre os Jê, parece dividido da mesma forma: aspectos internos ligados ao sangue e ao sêmen a produção física e aspectos externos, ligados ao nome, aos papéis públicos, ao cerimonial - ao mundo social, enfim (expresso na pintura, ornamentação corporal, canções). (SEGEER, MATTA e VIVEIROS, 1979, p. 11, no pdf p. 10).

No que refere-se ao artigo, pude compreender após um tempo de vivência com as sociedades indígenas do Estado do Tocantins, e o posterior ingresso na universidade e principalmente a partir desta pesquisa, que o corpo tem o lugar central de importância para o

povo Krahô. Mas qual é a noção de corpo dos Krahô? No trabalho de campo, identifiquei que para se constituir a noção de pessoa Krahô, precisa ter um nome, um lugar para morar, pertencer a algum dos partidos, e sempre manter os cuidados para manter o corpo com saúde. E compreendi que o batizado dos Krahô é de fato, fazer o cupen ser pessoa, segundo os costumes. Em “Os mortos e os outros” Carneiro da Cunha disse:

Poderíamos atribuir então à amizade formal e ao companheirismo a função de modeladores da noção Krahô de pessoa. A primeira significa o contraste absoluto, o negativo a antítese, e, como tal seria formadores dos limites. O segundo por sua vez, seria como que uma imagem especular, não da forma do corpo, porém, mas antes de sua ação: o companheirismo seria “quem faz o que eu faço ao mesmo tempo que eu”, quem nasce no mesmo dia que eu nasço, quem governa o pátio quando também eu o governo, mas genericamente quem me acompanha em minhas ações, por cotidianas que sejam. (CARNEIRO, 1978 p. 90).

Notoriamente o que Carneiro da Cunha viu na década de 70 entre os Krahô, quando escreveu essa obra, continua vigente na sociedade Krahô, pois eles vivem em coletividade, a gestação, o nascimento e os diversos ritos de passagens, passam pela construção coletiva do povo Krahô. E quando uma pessoa morre, os Krahô continuam com o trabalho coletivo, desta vez com o objetivo de destruir a imagem social da pessoa que morreu, para que de fato a pessoa possa desligar-se do mundo dos vivos e seguir para aldeia dos mortos junto dos mekarô.

A construção da pessoa começa quando a criança ainda está na barriga da mãe. E escolhi fazer esse recorte porque ele tem tudo a ver da relação da mulher Krahô com a água. Ouvi da Poyoy um ensinamento que ela recebeu da sua vó, que nos dá uma boa introdução para adentrarmos no assunto, *“minha vó falava assim: a índia gerou da água com a cabaça e cresceu a estrela também subiu e foi pra cima, e a água é muito importante para nós na terra indígena, às vezes se nós ficar sem água nós perde até a vida, porque não tem esse que vive sem água”*. Achei formidável essa explicação da Poyoy, pois ela mesmo sendo tão curta, mostrou-me a intensidade da relação da mulher gestante com a água, e voltou aos mitos como uma filosofia de vida e estabelece relações com a terra, a água, os animais, as plantas e tudo a sua volta. Portanto este o corpo é formado, forjado, cunhado na coletividade, conforme veremos a seguir.

Para os Krahô, ao ser constatado que a mulher está grávida, ela pode ou não ter relações sexuais com outros homens.

Segundo as ideias craôs a respeito do assunto, tanto o homem quanto a mulher contribuem com substâncias que formam o organismo do novo ser humano. Tais substâncias são oriundas dos alimentos que os genitores ingerem. Todo homem que tiver relações sexuais

com uma mulher grávida, contribui para a formação do organismo do filho que ela traz no ventre. Desse modo, o indivíduo só pode ter uma genitora, mas pode ter mais de um genitor. (MELATTI, 1976. p. 03).

Para os Krahô, não vai existir brigas internas ou correrem para fazer o teste de DNA, para saber quem é o pai da criança, pois não existe dúvidas que este filho é do esposo da mulher que está gestante, e os demais homens que por ventura venham a ter relações sexuais com essa mulher, são vistos simplesmente como ajudantes do marido, cujo o objetivo é que a criança nasça forte e com saúde.

Carneiro da Cunha trás outra versão relacionada à concepção, mas com a investigação sobre o sangue da criança.

Não parece existir consenso sobre a procedência do sangue da criança. Três informantes afirmam que o sangue vem do pai ( ou dos diversos pais biológicos, já que os Krahô acreditam numa concepção progressiva), cujo sêmem (keriakwa; ker = “tapioca, parte visguenta da comida”, mandioca e milho têm ker) vai para a placenta, a qual por sua vez alimenta o feto. O papel da mãe se reduz a fornecer um lugar apropriado que deve ser fresco. (“mãe é como geladeira; guarda as coisa lá, fica tudo fresquinho”). (CARNEIRO, 1987, p. 101).

Sobre a placenta, a criança é gerada dentro de uma bolsa de água que cria um mundo de proteção e cuidado. Em “*Os mortos e os outros*” Carneiro da Cunha diz: “eis porque a placenta seria o companheiro maior, o companheiro por excelência, pois nascida com o homem ela é sua primeira imago”. (p. 90).

Marilene Krahô fala sobre como a criança é alimentada dentro da barriga da mãe e fez um complemento a partir da forma que as parteiras indígenas recebem a formação pelo estado.

*Eu ficava pensando como o kraré faz para comer, eu fiquei pensando a gente come e alimenta e como é que o kraré vai alimentar? Eu peguei o livro das parteiras uma partezinha que fala assim: O negócio não vai descer assim igualzinho nós engole, aí eu peguei o livro das parteiras e fiquei vendo, que só o coo vai descer e alimentar aquele kraré, e o kraré vai crescendo, eu não sei se é verdade, meu livro conta assim. (Entrevista realizada em 04 de julho de 2018, na aldeia Macaúba).*

É notório que os Krahô formam o corpo a partir da sua cosmovisão, mas os conhecimento do povo vai somando conhecimento a partir de outras experiências, assim como o acompanhamento do pré natal que elas recebem durante a formação, e o que a Marilene Krahô leu no livro das parteiras em outros tempos eram repassados, das mulheres mais velhas para as mais novas. Sobre o parto, foi comum ouvir das mulheres que estão indo para a cidade ganhar

seus filhos, mas existem as parteiras indígenas, que por vezes fazem os partos, sendo assim falo do parto tradicional feito na aldeia a partir do relato da Morim em sua tese de doutorado.

Caprôti: muito sangue. Assim Hacac definiu a imagem do parto. Após o nascimento da criança, a mulher permanece durante um longo período “caprôti”, inundada pelo sangue e demais substâncias oriundas do parto. O objetivo do resguardo de nascimento é justamente o de secar o corpo da mulher, do que depende também a saúde da criança e do próprio pai (ou dos pais, considerando a paternidade múltipla). Existe um remédio do mato, feito com a casca do *cuwryre* (escorrega macaco), uma árvore frondosa, de tronco liso e escorregadio, que ajuda a mulher no parto, pois incorporando a característica desta planta, “a criança escorrega rápido”. Eu nunca consegui acompanhar um parto na aldeia, embora muitas vezes tenha pedido às mulheres para me avisarem. Mas invariavelmente, eu sempre acabava sabendo logo depois do nascimento, assim como todos na aldeia. Passei a observar que as pessoas da aldeia não sabem, ou mais provavelmente não mencionam, quando uma mulher entra em trabalho de parto. O parto é geralmente em casa. Este é um momento muito íntimo, apenas a mulher, as avós e a parteira estão presentes. Por outro lado, assim que a criança nasce, nos primeiros minutos mesmo, a notícia se espalha na aldeia e todas as mulheres e criança, mas raramente os homens, se dirigem para ver o rebento. O aspecto silencioso e secreto do trabalho de parto é contrastado com a cena praticamente pública dos primeiros momentos pós nascimento: a mãe, visivelmente cansada, sentada no canto da casa em meio aos restos de sangue, com a criança no colo e a placenta ainda ao lado, rodeada por pessoas que chegam para conhecer o pequeno ser que acaba de “cair” no mundo: “Ra imã ikra pãm” (Já caiu/nasceu filho pra mim). (MORIM, 2016, p. 332).

Ao nascer, o corpo da criança tem fortes ligações biológicas com seus genitores, e por sua vez eles passam a fazer resguardos, alimentares e sexuais para que essa criança se mantenha com saúde.

O resguardo também purifica os odores, o corpo cheira bem, ganha em leveza, agilidade e resistência. A manipulação do sangue e dos fluidos corporais, aliada à dieta alimentar e outras práticas cotidianas (por exemplo, acordar e banhar cedo, não comer durante a noite, não comer quente, entre outras), confere certas qualidades sensíveis ao corpo. Podemos ressaltar aqui algumas delas: seco (*icrà*) x podre: os resguardo pós-parto e de furação de orelha objetivam secar o sangue e as substâncias corporais, que poderiam apodrecer o corpo da criança e do iniciando, assim como de seus pais. O apodrecimento está ligado à acumulação em excesso do sangue no corpo; a perda do sangue em excesso, por sua vez, está associada ao envelhecimento que leva um processo de “ressecamento”, como a pele do corpo dos velhos. (MORIM, 2016, p. 346).

Conforme foi apresentado anteriormente, os Krahô assim como várias outras sociedades indígenas, procuram manter o seu corpo limpo, e isto está relacionado e não ter contato com sangue. Em “Os mortos e os outros” (1978) Carneiro da Cunha disse: “O sangue é sempre perigoso, mas certos sangues parecem ser mais temíveis, ou por serem mais virulentos ou por penetrarem mais facilmente: as precauções que com ele se tomam aumentam com a sua capacidade de penetração no organismo do homem”. (101).

Vejo como importante este relato para se compreender que o parto realizado na aldeia ele vive tanto o momento particular, quanto o público, e a criança e a mãe estão em comunidade conforme a sociedade Krahô tem o costume de estabelecer suas relações.

O resguardo pós parto é de suma importância para os Krahô, segundo Creuza, está relacionado aos cuidados com o sangue, que a mãe precisa controlar seu fluxo menstrual.

A mãe deve permanecer, nos primeiros dias, após o nascimento, quando, ainda, está sangrando, sentada na palha, semelhante ao que ocorre na menstruação, o sangue deve ser controlado. Nesse momento, a mãe deve seguir dois resguardos, do sangue que flui e do cuidado com a criança. Ela deve manter o resguardo da alimentação, vivido na gestação e o pai também. A avó prepara a alimentação da mãe. (PRUMKWYJ, p. 32).

A mulher tem uma relação direta com a água em todos os momentos da vida, por sua vez durante o resguardo, a presença do pai e da vó vão aparecer para ajudar a cuidar do corpo da crianças.

Quando a criança nasce, o pai e a mãe têm que ter muito cuidado com o corpinho dela para ela não ficar doente. No início da vida, o pai ainda não pode pegar a criança no colo. Isso acontecerá quando ela estiver começando a caminhar, mas isso não significa falta de cuidado. Ele deve vivenciar várias restrições alimentares e sexuais para a criança não adoecer. O pai deve ir ao mato para coletar plantas medicinais para cuidar da criança, deve buscar casca de pau para dar banho, o qual será dado pela avó e avô (PRUMKWYJ, 2017, p. 33).

Os resguardo pós parto, torna-se extremamente importante para a mãe, filhos e o pai da criança, que precisa fazer os resguardo para preservar a boa saúde de todos na família. Estes resguardos são encerrados aos poucos, conforme o corpo da criança e mulher se fortalece, para estarem prontamente vivendo em coletividade sem restrições.

De fato, logo após o nascimento de uma criança, seu pai ou pais biológicos e sua mãe biológica devem respeitar, durante certo tempo, determinados tabus: estão proibidos de comer carne, de fumar, de terem relações sexuais, de fazerem serviços pesados, de falarem em voz alta; nesses primeiros dias após o parto os genitores só podem comer batata-doce, inhame, milho branco, coco-macaúba. Tais restrições não terminam todas ao mesmo tempo, mas vão sendo suspensas pouco a pouco. Assim, depois de algum tempo, os genitores podem comer carne de algumas espécies animais, mas não de todas; o pai pode manter relações sexuais, enquanto a mãe só o pode fazer quando a criança já estiver a ponto de andar. O último tabu a ser suspenso talvez seja a proibição de matar cobra, coisa que nenhum indivíduo craô faz se tem filho mais novo do que uns sete anos de idade. (MELATTI, 1976. pdf: p. 03 e 04).

Em seu trabalho Melatti (1976), apresentou que se estes tabus forem quebrados, pode ocorrer caso de doenças, que vai implicar em mais restrições para o indivíduo, ou até mesmo pode ocorrer a morte. Então claramente os Krahô nos mostram que a vida deste novo ser depende

dos cuidados coletivos de seus genitores, através das restrições a qual eles vivem culturalmente. Este vínculo biológico dos genitores com os filhos ainda é visível entre os Krahô, pois é comum ouvir relatos que este ou aquele homem não pode matar cobra se tem filhos pequenos pode afetar a também a saúde da criança. Se houve a necessidade de matar uma cobra, estes vão chamar qualquer outra pessoa que esteja apta a matar o animal, sem que cause qualquer infortúnio de doença.

O resguardo além das diversas restrições, também coloca quais são os cuidados importantes para manter o corpo forte e Morim, em sua tese fala que:

A batata-doce, assim como a variedade de milho conhecida como pohypej, é o principal alimento consumido nos resguardos de parto e furação de orelha dos jovens rapazes iniciandos. A experiência do resguardo é um período liminar, quando as fronteiras corporais estão permeáveis, fluídas, abertas para o mundo e, por isso mesmo, o corpo está suscetível à agência predatória de outros seres. As práticas de resguardo visam a fabricação do corpo, diversos são os tipos de tratamento pelos quais passam as pessoas, de acordo com “o ciclo de vida, o gênero, a etnicidade e o calendário ritual” (Lima 2002b: 9). Neste sentido, a batata doce e o milho são centrais na construção dos corpos de parentes humanos. (MORIM, 2016, p. 167).

O corpo da criança também recebe a proteção da pintura de jenipapo, para manter os espíritos longe do seu corpo.

Agora, sem o umbigo, a criança pode ser pintada com uma tinta preta de uma essência natural, a avó vai ao mato pegar essa essência e, em seguida, pinta o corpo da criança no formato de pequenas patas de onça para proteger o corpinho dele ou dela. Nesse momento da vida da criança, caso ela adoça somente o pajé saberá o que aconteceu, quem quebrou algum resguardo. (PRUMKWYJ, P. 32 e 33).

A relação da mulher Krahô com a água, é essencial para gerar a vida do novo ser que a mulher guarda na placenta. Toda a família passa a viver resguardos para que mantenham o corpo forte e saudável, com alimentação específica, como o milho e a batata doce, e os banhos tanto os matinais no ribeirão, quanto os banhos de ervas para fortalecer o corpo e o uso da pintura corporal para afastar os maus.

Este capítulo teve por intenção entender melhor o corpo a partir da gestação da mulher Krahô. Pois na cosmovisão Krahô o corpo é uma constituição coletiva. Onde este corpo precisa ser bonito esteticamente e ter saúde. E para isso precisam os Krahô precisam fazer resguardos e seguir uma forma correta de alimentação. Evitam ao máximo o contato com sangue, para que de fato possam manter o corpo limpo e não fiquem fracos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a referida pesquisa, concluo que a cosmovisão dos Krahô mostra que a relação das mulheres com a água tem vários usos e significados na simbologia Krahô. Tanto a mulher quanto a água, são mantenedores da vida. A água mantém a vida de todos os seres, seja ela humana, dos animais ou vegetais. E a mulher dá origem a vida, e preserva importantes resguardos para que o filho seja bonito, forte e com saúde. As mulheres administram com sabedoria a água, pois ela tem poderes curativos, e medicinais, mas também pode agregar feitiços ou ervas que tem o poder de envenenar.

Por sua vez as mulheres Krahô mantêm os ritos, os costumes, as crenças. Preservam os rios, os peixes e mantêm a vida física e cultural desta sociedade. Contudo é urgente e necessário manter os rios vivos, livres de venenos. Pois preservar os ribeirões do território Krahô significa manter a vida física, social e cultural do povo.

E para chegar a essa constatação fiz estudos bibliográficos e também a pesquisa de campo. Na introdução fiz uma apresentação dos motivos que me levaram a falar da relação das mulheres Krahô com a água, pois elas já demonstravam a relação com a água e manutenção da vida. No capítulo dois, a vivência no trabalho de campo a partir das aldeias Macaúba, Paraíso e Morro do Boi mostraram que a relação das mulheres Krahô com a água permanece, e antes mesmo de nascer. E com o passar do tempo as mulheres vão adquirindo aprendizado sobre os usos da água e a sua importância para a vida de todos os seres. Enquanto que no capítulo três, foi possível entender que os mitos Krahô contribuem para a manutenção dos costumes. As histórias são repassadas dos pais para os filhos, mantendo desta forma a narrativa e o jeito de ser dos Krahô. E por fim no capítulo quatro, onde falei sobre o corpo da mulher Krahô - Formando outro corpo. Falando da cosmovisão e da concepção do novo ser e o que precisa fazer para este seja bonito e saudável.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M.V.B.A; EDVIRGES, F.A. **Aspectos históricos do povo indígena Krahô: um breve relato sobre o contato com a sociedade brasileira.** Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 132-143, jan./jun. 2018.
- BELAUNDE, Luisa Elvira. **A Força dos pensamentos, o fedor do sangue. Hematologia e gênero na Amazônia.** Universidade Nacional Mayor de San Marcos (Lima, Peru). Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 2006, V. 49 N° 1.
- CARNEIRO, Manuela Cunha. **Os mortos e os outros - Uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó.** São Paulo: Editora Hucitec, 1978.
- CHIARA, Vilma. **Do Cru ao Cozido ( Ensaio sobre o tempo mítico dos Krahô).** Comunicação apresentada na XI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia .Recife, Pe. 1978.
- DEMARCHI, André. **Pinturas terapêuticas: corpos e tintas em alguns grupos Jê.** Editora: PUC Goiás. Goiânia 2018.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva.** Editoração eletrônica Ricardo Assis. 2007.
- MELATTI, Julio Cezar. **Nominadores e Genitores.** Republicado com ligeiras modificações em Leituras de Etnologia Brasileira (Egon Schaden, org.), São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- \_\_\_\_\_ **Ritos de uma Tribo Timbira.** São Paulo: Editora Ática. 1978.
- \_\_\_\_\_ **Mitologia Indígena.** Brasília: Instituto de Ciências Sociais - Departamento de Antropologia, 2001.
- \_\_\_\_\_ **Entrevista do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”.** Fundação Getúlio Vargas. São Paulo: 2017.
- MORIM, Ana Gabriela de Lima. **“Brotou batata para mim” Cultivo, gênero e ritual entre os Krahô (TO, Brasil).** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro. 2016.
- PORANTIM, Jornal. **Entrevista com Gercília Krahô. “ O MATOPIBA não vai vingar”.** Ano XXXVII • Nº 386 Brasília-DF • Junho/Julho 2016.
- PRUMKWYJ, Creuza Krahô. **Wato ne hômpu ne kâmpa - Convivo, vejo e ouço a vida Mehi (Mâkrarè).** Brasília: Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios

Tradicionais - MESPT, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, 2017.

ROLANDE, Josinelma Ferreira. **“Pinta pra ficar bonito”**: o caráter agentivo da pintura corporal Canela. Enfoques - Revista dos Alunos do PPGSA-UFRJ, v.12(1), junho 2013. [on-line]. pp. 50 - 65. Disponível em: [http://issuu.com/revistaenfoquesufrj/docs/vol12\\_1](http://issuu.com/revistaenfoquesufrj/docs/vol12_1).

SEEGER, A.; MATTA, R.; VIVEIROS, E, C. **Terras e território indígenas no Brasil**. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú Coleção Nicolai. 1978.

---

**A construção da pessoa nas sociedades indígenas Brasileiras**. Boletim nº 32 do Museu Nacional da série Antropologia. UFRJ. Maio de 1979.

STRAUSS, - Claude Lévi. **Mitos e Significados**. Edições 70, Lda., Lisboa – Portugal. 1978

---

**Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.